

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Fernanda de Oliveira Azevedo

matemática quaresmar formação

Juiz de Fora
2016

Fernanda de Oliveira Azevedo

matemática quaresmar formação

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de Linguagem, Conhecimento e Formação de professores.

Orientadora: Dr^a. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo.

Juiz de Fora

2016

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Azevedo, Fernanda de Oliveira.

matemática quaresmar formação / Fernanda de Oliveira

Azevedo. -- 2016.

95 p.

Orientadora: Margareth Aparecida Sacramento Rotondo

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2016.

1. Oficina. 2. Educação. 3. Séries Iniciais. I. Rotondo, Margareth Aparecida Sacramento, orient. II. Título.

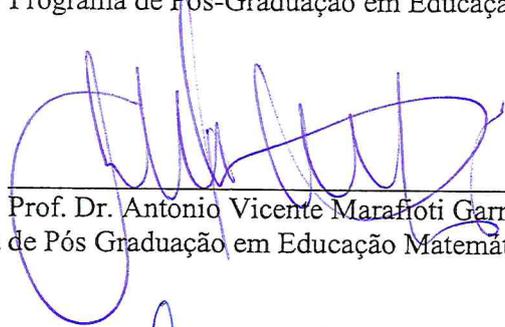
FERNANDA DE OLIVEIRA AZEVEDO

MATEMÁTICA QUARESMAR FORMAÇÃO

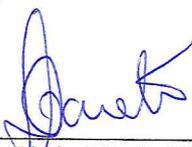
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



Prof.ª Dr.ª Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
(Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF



Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica
Programa de Pós Graduação em Educação Matemática, Unesp – RC



Prof.ª Dr.ª Sônia Maria Clareto
Programa de Pós-Graduação em Educação, UFJF



Prof. Dr. Marcos Vinícius Leite
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Sudeste de Minas Gerais

Juiz de Fora, 13 de abril de 2016.

Dedico este trabalho à Rosilene de Oliveira Azevedo, mãe, e João Fernando de Azevedo, pai, por terem confiado quando foram incomodada e incomodado a confiar. Por agora, serão uma e um de vocês a receberem um “OBRIGADA”.

AGRADECIMENTOS

“Não tenho a anatomia de uma garça pra receber
em mim os perfumes do azul.

Mas eu recebo.

É uma bênção.

Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas me
namoram mais de perto.

Fico enamorada¹.

É uma bênção.

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro

Para que se tornem peregrinos do chão.

Eles se tornam.

É uma bênção.

Até alguém já chegou de me ver passar
a mão nos cabelos de uma² deusa³, quem sabe?!⁴

Eu só queria agradecer.”

Eu só queria agradecer... A cada uma e um de alguém que ouviu, leu, foi atravessada e atravessado e atravessou: com um sorriso, uma gargalhada, uma lágrima, um grito, um silêncio, um carinho, com mãos dadas. A cada uma e um que dividiu um nome próprio com esta processualidade. A cada uma e um que aceitou o convite de quaresmar algo que andam chamando por aí de vida. A cada uma e um que, estando junto, tem recusado esse convite, como uma resistência em sentido de produzir outros modos de viver disparados por outros respiros. Que sejam múltiplos, minúsculos viveres. Eu só queria agradecer.

¹ Composição com o poema As bênçãos, de Manoel de Barros.

² Composição com o poema As bênçãos, de Manoel de Barros.

³ Composição com o poema As bênçãos, de Manoel de Barros.

⁴ Composição com o poema As bênçãos, de Manoel de Barros.

RESUMO

Algumas professoras e alguns professores da escola iam cismando com officinar um fazer docente com matemática. Cisma que não ia sendo só com elas e eles e ia comendo com outras professoras e professores de uma Faculdade de Educação (FACED) que fica na Universidade Federal de Juiz de Fora. As professoras e os professores da Universidade também eram de salas de aula. Outras e outros traziam para o officinar uma graduação em matemática ou em pedagogia. Tinha também uma professora que ia mestrando em um Programa de Pós-Graduação em Educação . Mestranda travessa que com experimentações com o viver do officinar vazava em novas invenções de pesquisa e narração. O officinar ia transbordando em tensão e atenção em um curso de extensão de título bonito – Oficinas de produção matemática: o fazer docente junto a abordagens didático-metodológicas, onde esses professores e professoras e licenciandas e licenciandos e mestranda e e e ... inventavam formação com um falório danado e com uma fazeção matemática danada. Toda essa gente ia se encontrando no Núcleo de Educação em Ciência, Matemática e Tecnologia (NEC/UFJF). E iam sendo cutucadas e cutucados com matemática e iam tecendo com suas concepções e suas formações. Iam inventando formações. Daí vem um escrito com tudo isto, chamado dissertação, numa contação com esses fazeres e dizeres e viveres e e e ... Vem quaresmando.

Palavras-chave: Oficina. Educação. Séries Iniciais.

ABSTRACT

Some teachers and some school teachers were wondering about Work shopping a teacher's practice with mathematics.

Wondering that was not just with them and they went composing with other teachers and also with the teachers of Faculty of Education (FACED) which is at the Federal University of Juiz de Fora. The University teachers were also schoolrooms. Others brought to the work shopping a degree in math or in pedagogy. And also had a teacher who was a graduate student in a Graduate Education program. A master's degree mischief with experimentations with being part of the work shopping leaked in new inventions of searching and narration. The work shopping was overflowing with tension and attention on an extension course with a beautiful name.

Math production workshops: a docent practice with the didactic-methodological approaches, where these teachers and graduate and undergraduate and graduate students and this and that ... inventing training with a big talk and an enormous math were making. All these people would be meeting at the Education Center for Science, Mathematics and Technology (NEC / UFJF). And they were being touched with mathematics and went weaving with their conceptions and their formations. They were inventing formations. From there comes a written with all this, called dissertation, a storytelling with these doings and sayings and experiences and this and that...then comes the Lenten season.

Key- words : work shop, Education, initial series

SUMÁRIO

1 EXISTEM PALAVRAS EXATAS PARA DIZER DE COISAS INEXATAS? QUE PALAVRAS SÃO ESSAS? – α	11
2 OFICINAS	14
3 CAROLINA	19
4 TEMPO, NOME, FORMAÇÃO	21
5 ☺; 8; ♦; ♦☺; ♦8; ♦♦; ♦♦☺; ♦♦8; ♦♦♦; ♦♦♦☺; ♦♦♦8; ♦♦♦♦;	24
6 morais	26
7 QUARESMAR	29
8 OPERAR COM RISCOS	30
9 QUE SE FAÇA CONVIDAR	32
10 QUANTO RESTA EM FESTA?	33
11 COMEÇA QUANDO O SINAL TOCAR. TOCOU	35
12 ESCREVER PESQUISAR PESQUISAR ESCREVER	37
13 DAS CERTEZAS DA COUVE	39
14 QUARESMAR PESQUISAR, QUARESMAR ESCREVER – QUARESMAR PERGUNTA: UMA PARTE?	41
15 COMO ACONTECE UMA AULA?	43
16 EM ESTADO DE QUARESMAR: AVALIAÇÃO	45
17 ESTAR COM QUARESMAR	47
18 FALTA, VIDA	50
19 QUARESMAR ESCREVER, QUARESMAR PESQUISAR – QUARESMAR PERGUNTA: OUTRA PARTE?	53
20 E, DE NOVO, O SINAL TOCOU	55
21 QUA-QUÊ? INVENÇÃO DUMA RESMA	58
22 QUARESMAR ESCREVER COM EFEITOS DO VIVER	59
23 MIL DUZENTOS E TRINTA E QUATRO	63
24 OFICINAR PESQUISA	65
25 PRIMEIRA CENA	66
26 EXISTEM PALAVRAS EXATAS PARA DIZER DE COISAS INEXATAS? QUE PALAVRAS SÃO ESSAS? – I	67
27 QUANTO CABE?	69
28 PENSAR O PENSAR	71
29 DO DIA EM QUE VOMBATE QUARESMOU FORMAÇÃO	74

30	QUARESMANDO AULA.....	76
31	DE QUANDO UMA LOUÇA SE TORNA IMUNDÍCIE.....	78
32	PROBLEMA DE NÃO IR RECONHECENDO	81
33	COMO UM CONCEITO VAI EXISTINDO	83
34	NOMES EM PESQUISA EM QUARESMAR	85
35	QUARESMAR CONTÍNUO DE FIM COMO MEIO DE PESQUISAR	86
36	DE ONDE É QUE VEM?	88
	NOTAS DE FIM? QUARESMAR.....	89
	REFERÊNCIAS	92

**existem palavras inexatas para dizer de coisas exatasⁱ?
que palavras são essas? – α**

Cachorro: Quadrúpede carnívoro digitígrado e doméstico.

Gata: Fêmea do gato.

Cadeira: Assento de costas para uma só pessoa.

Coisas: Objeto ou ser inanimado.

Contaminação: Mancha, impureza.

Mãe: Mulher que tem ou teve filho ou filhos.

Pai: Aquele que tem um ou mais filhos.

Escola: Estabelecimento de ensino.

Educação: Conjunto de normas pedagógicas tendentes ao desenvolvimento geral do corpo e do espírito.

Matemática: Ciência do cálculo (usado também no plural)

Professora: Mulher que exerce o professorado, que instrui, que ensina alguma arte, ciência ou língua..

Professor: Aquele que ensina uma arte, uma atividade, uma ciência, uma língua, etc.

Quaresma: Período de tempo compreendido entre a Quarta-Feira de Cinzas (inclusive) e o Domingo de Páscoa (exclusive) – (geralmente com inicial maiúscula)ⁱⁱ

Dê-me ar...

Insistindo com palavras. Estas e outras. E todas. Existe exatidão com elas? Existe inexatidão com coisas?

Existe inexatidão com elas?

"O que você sente ao dançar balé em uma apresentação?

Nada.

É exatamente isso que eu sinto ao assistir sua apresentação."ⁱⁱⁱ

De encontros^{iv} fortuitos, com encontros fortuitos, nos encontros fortuitos. Tanto

e nada. Nada que já exista ou que se possa reconhecer^v. Tudo, um novo^{vi}, inaugurando sentidos. Sentidos nunca antes existindo antes daquele encontro. Inaugurando um viver, tornando-se temporalmente singular de modo atemporal. Saboreadas^{vii}. Ar.

Não podem ser as mesmas, assim como não podem carregar os mesmos sentidos. Tudo e nada invenção^{viii}. Quando e como saboreadas, se fazem com outra e outro que se faz saborear com elas. E mãos e pés e narizes e línguas e olhos e...

Existem? Como existem? Existem como forma? Como conteúdo?

Querem explicar?

Inventam-se!

Ximuca

Babusca

Escurumbeba

Esdrunlumedra

Taletocsimafoite

Saramiqui

Ou tantas...

Insistindo com palavras, num apego desabafa-dor, afirmador^{ix}.

Cachorro: Filhote peludo que nunca cresce, mesmo crescendo, que rouba lasanha, que come sandália de borracha, que rasga o tecido do sofá, que olha nos nossos olhos e cumprimenta afobado depois de passarmos um dia todo fora de casa.

Gata: Filhota peluda que nunca cresce, mesmo crescendo, que rouba lasanha, que come sandália de borracha, que rasga tecido do sofá, que olha nos nossos olhos e cumprimenta afobada depois de passarmos um dia todo fora de casa... E em tudo isso, se distingue de cachorro.

Cadeira: apoiador, extensor de altura para pegar pote de vidro ou caixa pesada no alto do armário, objeto de decoração se virada de pernas para o ar.

Coisas: aquilo que não há palavra mais exata para nomear.

Contaminação: condição irrevogável do viver à qual, por vezes, tentamos ao máximo impor resistência.

Mãe: aquela que faz nascer, mobilizando todo o corpo a expelir outro corpo vivo, ou tantas.

Pai: aquele que de modo inconsciente propõe material biológico necessário à produção de um corpo vivo, ou tantos.

Escola: composição de forças^x, de vidas, de fazeres, de afazeres, de ocupações e de desocupações através de emaranhado de currículos previamente determinados e mortos, e de acontecimentos^{xi}.

Educação: invenção humana de um jogo com a vida e com modos de viver; talvez a principal prática que dispara produção de subjetividades^{xii}.

Matemática: outra invenção humana^{xiii}, produzida através da necessidade de manutenção de vida como um modo de perceber e pensar artifícios utilizados no cotidiano.

Professora: Mulher que professa, imbricando-se com formação^{xiv} – sua e de outras e outros, lançada à experiência^{xv} com o conhecer.

Professor: Homem que professa, imbricando-se com formação – sua e de outras e outros, lançado à experiência com o conhecer. E em tudo isso, se distingue de professora.

Quaresma: junto a todas estas, uma invenção acionadora do inventar, uma das precursoras^{xvi} desta proposta de produção de sentidos^{xvii}, disparando estranheza e, também, abertura de uma dimensão de negação ao reconhecimento e ainda, por isso, de proposição de produção de percepções de mundo; composição de modos singulares, múltiplos e temporais a partir de um nome amplamente carregado de sentidos instituídos – que, na insistência com ele, vai promovendo fuga^{xviii} da vida com viver.

Ou tantas...

Insistir-lhes. Afirmar-lhes. Rasgar-lhes. Pirar-lhes. Ar-lhes. Arder-lhes. Esquecer-lhes. E lhes abandonar sem abandonar sua provisoriedade, inventando-lhes.

Por agora,

Formar: produzir modos de viver se constituindo em pontas instáveis.

Ar.

Oficinas^{xix}

Professoras e professores

Ansiedade

Expectativa

Formação

Um mundo sem Matemática?^{xx}

Um mundo sem Matemática?

Um mundo sem...?

Vertigem.

Torção.

Contorção.

Remexendo.

Angústia.

discussão solução problema invenção^{xxi} reboleço barulho agitação estranhamento

ferramenta método solução de problemas Matemática

Matemática?

Matemática.

Matemática?

Mate...

inquietação mundo tatear ??? abalo

Formação

Escolarização

1. Oficiar... Verbo peculiar! Tem verbo que a gente nem sabe que *existe*!

Aliás, existir é outro desses.

Alice, quando criança^{xxii}, ia perguntando à mãe porque o cachorro se chamava cachorro e o gato se chamava gato. Pergunta estranha essa. E se o cachorro se chamasse nuvem ou arroz ou dez ou um nome “sem sentido”, tipo pacati? Mãe disse que um dia alguém deu um nome de cachorro para um, de gato para outro, de nuvem para outra, e assim por diante. Mas de onde esse alguém tirou esses nomes, mãe? Ela disse que “sei lá”. Alice foi ficando ocupada com isso, até um encontro com Quaresma. E pensando

que foi do mesmo jeito que quis chamar o cachorro de pacati: foi inventando. Inventando nomes e sentidos. Decidindo viver inventando nomes, palavras também. E, algumas vezes, inventar sentidos para palavras que não reconhecesse antes de ouvir. Oficinador com Quaresma. Inventar quaresma. Quaresmar.

2. Alice e caju. Riscando a pele^{xxiii}, até sangrar. Espremendo caju.

Aquecendo o sumo até borbulhar. Esfregando a pele ferida, o sumo fervendo. Escaldando a pele. Derretendo a estrutura. Forçando o portal que pressupunha separar dimensões onipresentes e coexistentes. Riscos de: invenção, quaresma, pacati. Tatuagens de caju saem logo da pele. Marcam^{xxiv}, mas se desfazem. Produzem espaços para marcar de novo, o novo.

3. Oficinador: fazer de novo, o novo.

Marceneira afinando madeira e produzindo móvel, mecânico afinando com carros e produzindo reparos, costureiro afinando com tecidos e produzindo roupas, padeira afinando trigo e produzindo pães, confeitador afinando massa com recheio e produzindo bolos, criança afinando Quaresma e produzindo sentidos para quaresma, professoras e professores afinando formações e produzindo gente^{xxv}.

Afinar sendo ação e produção. Mesmo quando não costumamos usar esse verbo, parece que ele ainda poderia ser dito. Não é comum mesmo usá-lo ou sua conjugação para gente fazendo comida ou ensinando e aprendendo.

Padeira e confeitador se surpreendendo com o tato na massa, o crescimento dela, a cor que ela toma depois de assada e essas surpresas fazendo transformar modos de fazer nas outras vezes. Alice se surpreendendo com Quaresma que não reconhece e inventando sentidos, marcados provisoriamente no corpo, para *sua* quaresma. Parece que afinar não tem muito a ver com o que se faz, exatamente, mas com o modo como se faz. Sempre novo de novo, afinar com bolos, pães e quaresmas. Tem a ver com o modo como fazem, com o tatear, com o saborear, com o inventar. Afinando, quaresmar.

E com alunas e alunos, professoras e professores, nas escolas vão sendo assim.

4. O calendário marca quarta-feira de março.

O relógio, dezenove horas e alguns minutos. E sobre uma longa mesa do salão onde havia sido combinada a Oficina, professoras e professores disparando um escrever a muitas mãos. Afinando inventar mais problemas disparados por um lançado.

5. É muito difícil pensar nisso! Teria número de jeito nenhum! Como pode?

Então, eu até pensei em inventar meios para representar os números. Mas não

basta representá-los: e as formas, cores e tudo mais? É difícil demais! E quase que é impossível.

É muito difícil imaginar a vida sem a Matemática. Quanto mais, pensar um mundo sem Matemática. Ah, espera: uma folha em branco? Hum... Não. O mundo existiria, mas não existiria a tecnologia. A folha em branco caiu por terra. Mas de que mundo estamos falando?

Teriam ainda algumas outras coisas que não existiriam: chegar a uma idade avançada e quantificar isso, fazer uma receita ou a agricultura. Tudo isso usa a Matemática. Tem coisa que sem ela *vai de cabeça pra baixo!*

O mundo é constituído de retas e curvas, mas se não tivesse a Matemática, não teríamos esses conceitos. Existiriam as curvas, mas não o conceito. Até a relação humana seria impossível sem ela: relação é mais de um e aí está a Matemática.

É complicado. Que mundo existiria? Tecnologia, quantificação, receitas, agricultura, conceitos: coisas da gente. Que são essas coisas? E o mundo, seria impossível sem a Matemática?

Não seria a Matemática uma construção social? A matemática sendo criada a partir de uma necessidade, como uma possibilidade para resolver um problema que está ali, diante de si? Dependendo da necessidade das pessoas em produzir e se produzir^{xxvi} junto? Pensando assim, desde sempre, em todo momento que tem um problema, tem uma solução. A matemática foi uma ferramenta criada para facilitar a vida da mulher e do homem, bem como hoje você pode falar que ela e ele não viveriam sem a tecnologia presente.

Às vezes, nem sabemos que estamos usando a Matemática, mas usamos. Então, de que Matemática estamos falando? Depois que usamos um pouco é que vão se criando os conceitos. E a mulher e o homem foram capazes de criar, construir, até chegar ao que temos hoje.

A Matemática em hipótese alguma é uma ciência pronta e acabada. É sim uma ferramenta que desenvolve outras ciências.

Pensando nisso, vem: como as crianças vão se constituindo com o mundo enquanto constroem matemática nas escolas? Como proporcionamos isso, enquanto professoras e professores? A gente vem e escolariza a criança, padronizando-as?

6. Outro dia, quando professora Lize disse que era para fazer um desenho, o

Marcos se deteve e esperou até que ela lhe dissesse o que desenhar.

– Desenhe o que tiver vontade!

Marcos estancou. Quase toda a aula daquela tarde, menino flutuando em desenhos. De uma flor rasteira que crescia nas nuvens, de um caule dourado e liso, sem folhas, professora de outro ano o corrigiu: flores nascem do chão! Insistindo em flor de nuvem, novamente ouviu: flores nascem de caules com folhas! Teimando na flor azul: a flor nasce da grama verde, é bela e a ela todas e todos apreciam; precisa aprender a desenhar a flor, vou te mostrar como tem que fazer; não se esqueça da receita, siga o passo-a-passo e terá sucesso com flor. Nada de novo, Marquinhos. Nada de novo. Faça o que se pede. E quase tocando o som do fim da aula, ouvindo o aviso de professora Lice, menino tomando lápis de cor, a desenhar a flor: vermelha com caule marrom repleto de folhas verdes, nascida do chão^{xxvii}. Nada de novo, Marquinhos.

7. Formação em suspensão. Matemática, mundo, escolas, crianças.

Que educação viemos propondo a nossas crianças? Como a praticamos, professoras e professores? Rasgando certezas. Problematizar escola problematizando mundo e sua condição de existência: ser inventado^{xxviii}. Pensar educação pensando matemática como produção da humana e do humano de encontro às necessidades de modos de viver. Quaresmando escola e mundo, Educação e Matemática; produzindo formação, quaresmando Formação. Concebendo modos de viver como invenções, produzindo professoras e professores. Desestabilizando formas. Atentando à processualidade do vivo^{xxix}.

8. Professora Lice, pode ter estrada? Professora Lice, pode ter relógio? E pode ter escola?

Vamos sentar todas e todos juntos! Desenha uma linha aqui pra mim? Vou cortar, mas só as pontinhas. Você tem régua? O meu não vai ser colorido. O meu vai. Já acabou? Estou só começando. Eu faço pra você. Eu quero fazer assim. Eu não sei o que vou fazer. Que tem no seu? Ah, no meu também. Mas tem um rio e esse prédio também. Eu vou levar pra casa. Essa é minha mãe. Essa é a escola. Tá na hora do recreio. Eu não gosto de feijão. Vai sujar minha folha! Tem mais folha? Eu errei. O seu tá ficando lindo. Vou colar nessa parte. Vai ter chuva. Meu sol tem rostinho. Vou começar de novo.

Não dá pra fazer continha de mais, de menos, de vezes e de dividido. O carro é torto. A casa é torta. Não tem horas. Coloca o meu lá em cima. Vou prender aqui mesmo. A gente inventou isso tudo! Não tem nada que a gente inventou. Todo mundo fez. A gente inventou um monte de mundos, pai.

9. quarta-feira oficina curso professoras professores graduandas graduandos
mestranda mundo Matemática matemática semana escolas composições aula de

Matemática todo mundo sala corredor mural quaresma efeito Educação
educação

carolina

Carolina: tataravó. Italiana: dos cabelos longos. Trançados. Sisuda. Mãe, avó, bisa e. Centenária. Nunca viu uma fotografia sua. Carolina.

Carolina. Menina tomando nas mãos pequenas de dedos longos, duas pontas de algodão trançando-as e enrolando-as. Puxando com força. Firme do enrolar-se das pontas, um nó. Carolina.

Aprendia as tranças^{xxx} com outra: índia. Trançava os cabelos na manhã, refazia depois do almoço na mesa cheia de mais de vinte pessoas. Refazia ao cair da tarde, antes das rezas. Os fios de seda não seguravam o emaranhado, interrompiam rezas.

Da corda branca, suja de poeira e terra, da corda principal, outra pendendo. As mãos experimentando enlaçar e trançar. Dar nós.

Olhando, movendo os dedos entre as madeixas macias, as mãos vão se tornando peritas em enlaçar. Enfeita o penteado. Trançar os cabelos se torna mais que um adornar-se. As tranças tornam-se *suas*, *sua* história, *seu* pensar ao entrelaçar os fios.

Três nós, distância. Um nó longo. Noutra corda, um nó, distância. Um nó longo. Na terceira, um nó mais alto e uma distância maior que o dobro de antes. Três nós longos. Trinta e um do onze de um mil de três tranças.

Um cigano passa pela roça. Para. Oferece um registro. Uma Carolina de cabelos trançados sentada num banco de madeira velha na frente da casa de barro num desenho que se perderia na mudança em dia de Desfile Cívico para a cidade.

Nas mãos vão sendo produzidos pequenos cortes, pequenas fissuras na pele. A menina puxando forte as pontas da corda que pende. Nós bem apertados, próximos ou distantes. Depois de dados a umas dez cordas pendentes, ia enfeitando as extremidades superiores com fios de lã coloridos.

Na mudança em comitiva, algo sempre se perde: grampo de cabelo, botão de camisa, bolinha de gude, documento em envelope, santinho de filho falecido, dente de ouro da herança, moeda vencida de debaixo do colchão, pião jogado na telha em briga de irmã, colher de pau, caderno da escola, pó de arroz, lata de ponhar milho, uma galinha e os ovos que botou anteontem. Tudo se perde. Tião perdeu o desenho da mãe. João perdeu a avó da lembrança. Carolina.

carolina nunca viu fotografia sua. E num esquecimento de traços riscados no papel, nó na história do navio que saiu da Europa. Esticando a corda tornada marrom no esfregar das mãos. Sentando-se no chão de terra vermelha, com as pernas cruzadas,

tratando de desfazer os nós dados. Com a delicadeza das pontas dos dedos, desamarrando os fios coloridos, contando. Regando os olhos castanhos de água salgada. Inflando o peito num inspirar profundo. Arregaçando as bochechas num gesto intenso. Cheio das histórias, saturado com elas.

Saboreando as ondas do oceano, o chão batido, o piso de madeira rangente. Saber-eando uma vida. Inventando uma e outra de si: Carolina e carolina. Nunca viu uma foto *sua*. E as histórias ouvidas não eram de crédito: uma moça, uma reza, um assombro, uma gargalhada, uma quaresma, uma carolina. A menina coçava a cabeça. Não é a mesma história de outro dia! - emburrava! A outra lhe sorria. Aciganando o pensar e nomadeando^{xxxii} as palavras. Torcendo a língua em contar, menina inventando nome pro fazer de nós: quaresmar carolina

E vivendo, uma carolina, que nunca tinha visto uma fotografia. E inventando, se fazia. Carolina trançar. carolina dar nó. Carolina contar. carolina inventar. Carolina tornar-se^{xxxiii} carolina.

E uma que a ouvia lamentando o desfazer dos nós. Sorria a menina. Nó é coisa provisória, vó. Noutra dia, faço de novo. Produzir outros nós.

carolina produzir. Produzindo uma de si.

carolina quaresmando carolinar vida.

tempo, nome, formação

A nossa escola era perto de casa, lá em Pilão. Desde que aguentávamos o peso do cabo de enxada, tinha roça. E tinha escola também, de noite desde bem criança. Nosso tempo na escola é que era curto. Fui até os onze, mas nunca repeti série, não! Parei porque a amadurecência^{xxxiii} me chamava: ia sendo momento de me tornar outra coisa.

Mesmo quando não ia à escola, ou até quando ia – porque a gente não pega tudo que ocorre lá, né? – eu gostava de ouvir as outras e os outros contarem de que se dava. Não pegava tudo, de qualquer jeito. E não tinha jeito: da escola, a contação passava pelo que vinha de casa e da rua. Era tanta coisa de vida que iam contando! Coisa que pedia atenção. Tinha coisa que parecia só ponta de montanha de gelo, tipo iceberg que a gente só via de foto ou na televisão. E gelo, dá pra saber que gruda se colocar a ponta do dedo molhado. Umedecia os dedos dos ouvidos quando era momento de contação. Parecia nada, mas me fazia sentir, pensar e viver. Tinha coisa que ia trans-formando^{xxxiv} comigo, fazendo parte temporária. Coisa de formação. E de formação, ia se dando uma contação a fazer.

Contaram, numa dessas vezes, de uma aula que foi de relógio a empoderamento. Vou contar pra frente que história de coisa que move a gente é de se passar adiante. Tião é meu irmão mais velho e tem coisa com relógio. Papai até comprou um para ele na venda da praça no dia de pagamento, que o menino ficou numa alegria que só! Aí, passou a gostar de exibir o presente o tempo todo. Nessa aula da professora Lice, mal o Morais abria a boca para perguntar *quem tem horas?* e o Tião vaidoso deu um berro estridente do meio da sala: sete e quinze! Coisa da gente é ir sendo ocupada com o tempo: bobagem, né?!

Tião não perdia um motivo de falar de horas. Quando o Chico que era dono da fazenda que a gente vinha morando desde menores aparecia na roça, o menino não dava sossego, perguntando da hora sem parar. Nunca fui muito ligado nessa coisa de máquina que marca horário e vem dizendo pra gente que é pra comer, pra dormir e pra se lavar. Gostava mais de olhar para o sol e deixar que ele viesse perguntando pra mim que é que tem. Tempo é coisa que não se vê, mas a gente não sabia disso. E de não saber, eu ia perdendo o tal, quaresmando horários... E como caçula da cabeça aos pés que sempre fui sendo, eu não perdia era a vez de incomodar Tião. São meio dia e quinze, Tião? *Dez para as duas* agora? Dessa vez é sério: *quatro e vinte*, irmão? Como ele tinha pouca

memória, começava respondendo, mas lá pras tantas... E todo mundo ia perdendo tempo rindo.

Sete e quinze!

Professora Lice, que contaram estando sentada e calada com sua delicadeza de costume, passando com as vistas pela linha de cima dos óculos de leitura, bradou: são dezenove horas e quinze minutos. Tião era só vergonha! Aquela mulher podia ver o tempo de um modo que a gente não tinha visto! Ia sendo nossa professora do segundo ano. Dela iam baixando, durante um ano inteirinho, doçura e repreensão, paciência e ansiedade, sensibilidade e ação. Gargalhadas soltas ou presas. E, dessa vez, a turma seguia a última aula gargalhando.

Rindo-se de tanto a barriga encolher. Contorcendo-se pra trás, alguém viu o filho do Carmo, dono da venda da praça, o Morais. O menino encolhendo a barriga também, mas nem era de rir. Travando a pança, quase sem respirar. Tem horas que a gente trava o corpo e nem é de parar, é de fluir mesmo. Dá nó no corpo^{xxxv} para existir.

Professora Lice que venho dizendo que via coisa que a gente não enxergava, levantou e foi caminhando pro fundo da sala, pra mesa do Morais. Aí que piorou que até a bochecha do menino sacudia toda. Da folha de linhas verdes e margens vermelhas, algo ia disparando um sacudir leve de bochechas na professora também. Ela acenou com rosto rubro feito tomate e os dedos das mãos meio trêmulos, apoiando-se sobre o tampo de madeira, procurando segurança num turbilhão de vida.

Assim que isso tudo se deu, professora Vera, da outra turma, chamou Lice na porta da sala e de tudo que iam falando uma com a outra, alguém ouviu no meio de um suspiro procurando ar: ele aprendeu a escrever o nome, Vera – isso é dele! E a professora estremecia corpo inteiro ao contar. “Isso é dele!” era muito forte e ela ia acrescentando coisa parecida com: produção de forças, plural e múltiplo. Aprender que ia sendo coisa que não vinha do menino ou da professora. Vinha vindo como rodaminho a sacudir menino, nome, professora. Sacudindo aula e ensino. Tirando tudo do lugar onde vinha se acomodando. E produzindo um efeito vivo: empoderamento de vida.

Alguma coisa tinha acontecido com professora Lice quando Morais escrevia seu nome. *Produção de forças, plural e múltiplo*. Coisa de formação – me contaram. De menino e de professora. Coisa que trans-forma a gente, trânsito de formas em invenção. Que foi com nome do Morais que isso foi se dando, foi sim. Só que ia acontecendo parecido com um verbo que dia desses alguém ia falando lá na escola: officinar. Ia

dizendo que oficiar não tem a ver com o que se faz, mas com os modos que vão sendo invenção de como fazer. Aí quando Morais escreveu seu nome, talvez não tivesse tanto a ver com as letras juntas no papel, mas com o tanto de vida forte que ia escapando da grafia de menino.

Fui começando a achar que uma hora ou outra eu e Morais íamos nos encontrar. Eu, Morais, sol e nome. Talvez, a gente fosse se encontrando com Lice também: eu com sol, Morais com nome, professora com professar e aprender, que iam se tornando *nossos* de outros modos quando íamos os quaresmando. Coisas de formação – me contaram. Coisa de poder vivo tornando viver forte.

☺; 8; ♦; ♦☺; ♦ 8; ♦♦; ♦♦☺; ♦♦ 8; ♦♦♦; ♦♦♦☺; ♦♦♦8; ♦♦♦♦;

A sequência acima está representando as quantidades um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, respectivamente.

Matemática, claro! Matemática? Claro?

Roteiro de uma atividade investigativa:

- *Criar conjec...*

Não, espera! Primeiramente, um convite à leitura da sequência. E que estranha sequência! Carinha, touro e... Doce de leite. Mas é claro que é um losango! Losango? Claro?

Um sistema numérico^{xxxvi} composto por símbolos... Espera! E sendo composto por estranhamentos. Ah, sim. Um sistema numérico composto por outros símbolos, diferentes dos que usamos cotidianamente, – e como podemos chamá-los para tornar prático falar dele? – denominados precariamente carinha, touro e doce de leite. Símbolos são sempre denominados precariamente!

Agora sim, uma sequência estranha de numerais despertando estranhamento com um sistema numérico instituído, o indo-arábico. Já vem começando uma investigação matemática^{xxxvii}.

Sobre a sequência de carinha, touro e doce de leite vão sendo riscados os algarismos da escola. Espera! Doce-carinha? Sai do automático e para fazer tem que pensar. Por que esses numerais não são também da escola? – ecoando.

Ah, no final das contas, esse é apenas outro modo de representação! E o que está estabelecido, o nosso sistema numérico, como fica com esse fazendo também parte da escola? – ecoando estranheza.

Pensando, ♦♦ é seis, ♦♦☺ é oito; e seis mais oito dá catorze. E ♦♦♦♦☺ é o catorze. Como um sistema numérico distinto do indo-arábico pode compor com escola? – ecoando tensão.

Essa Matemática que a gente ensina em salas de aula não serve para as crianças aqui fora – disparando ecos, sem mais esperas. Viemos aqui tratar de Matemática e Formação! Quando se vai aprendendo não se esquece, mas quando alguém vai ensinando, isso vai... Aprendi a gostar de matemática convivendo com meu avô. Ele

mornis

As professoras e os professores lá da escola se reuniam no salão. E se dava uma conversação danada! Era professor ocupado com o tem-po, com o en-si-no, com a apren-di-za-gem. Era professora ocupada com a dis-ci-pli-na, com a fal-ta dela também, com a ma-te-má-ti-ca, com a for-ma-ção. Era gente muito ocupada se desocupando e tornando a se ocupar. E se tornando ao se ocupar. E se ocupando ao se tornar. E transbordando ocupações.

Naquele dia, como sempre e sempre nunca era igual, professora Lice se ocupando em desocupar o pensamento sendo ocupado de pensar^{xxxviii}. Essa desocupação-ocupação-desocupação arretada dava uma angústia, dava uma alegria^{xxxix}!

Lice, você quer alfabetizar crianças, em língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências? Quer alfabetizar para a escola? Quer alfabetizar para a vida? Quer alfabetizar para o passado? Para o futuro? Quer alfabetizar ensinando? Quer alfabetizar com o ensino? Quer alfabetizar para que aprendam? Quer alfabetizar para disciplinar? Ou o disciplinar? Ou o indisciplinar? Al-fa-be-ti-zar?

Professora Lice angustiando-se com a extensão do currículo da escola pública, com o tempo cronológico do turno escolar e do ano letivo. Angustiando-se com tantos problemas que se fazem e que faz. Angústia. Angús. An. A...

Avermelhando-se e inclinando o corpo para frente, sentada numa carteira escolar em uma sala de aula não convencional, agitando os braços e mãos. Os olhos inebriados de tanto agitar. Quase não enxergavam mais nada, só vultos sacudidos. E via nitidamente um nome. O tempo cronológico indicando que o dia é quarta-feira e que ele já vai se fazendo noite. A professora se angustiando no meio com uma discussão com a educação. E-du-ca-ção. Em um curso. Cur-so. De extensão. Ex-ten-são. De formação. For-ma-ção. De professoras e professores. Pro-fes-so-ras e pro-fes-so-res. De matemática. Ma-te-má-ti-ca. Oferecido. O-fe-re-ci-do. Em uma faculdade. Fa-cul-da-de. De educação de uma Universidade. U-ni-ver-si-da-de. Professora Lice se ocupando em tornar angústias problemas e produzir a...

Algumas angústias dessa professora lá da escola vão sendo compartilhadas por outras e outros que a encontram ali. Ela angustiando-se em um dos primeiros encontros semanais. Vibrando no meio de uma problematização com a educação. Vibrando com o meio, com a problematização, com a educação.

Com a folha do caderno pequeno de pautas verdes e margem vermelha, trazido

pelo pai de um menino tímido da loja grande do centro da cidade. Vibrando com o grafite gasto de marcar a folha, desenhando com força e leveza um nome. O nome desenhado em ensaios^{xi}. As letras caprichadas com atenção e repetição^{xii}. Ensaiar, inspirar, expirar. Avermelhando-se e inclinando o corpo para frente, agitando braços e mãos. Movimentos foscos, movimentos nítidos. Vibrando com um aluno que ia escrevendo... Professora Lice contando da turma naquela manhã. Faces vermelhas. Fôlego ofegante. E vai contando que, sentadas nas mesinhas, as crianças iam se envolvendo com a atividade proposta. E Lice, resistindo à ansiedade provocada pela angústia que a ocupava em outros tempos, ia possibilitando que se envolvessem. E o fôlego acelerando. Por vezes, através de silêncios oportunos. Incômodos. E outras, de provocações do pensar. Envolvendo-se, mergulhando. Submergindo e emergindo. E com o meio do mergulho, um menino ia de ensaios à produção de um nome. O nome do **Morais. É dele!**

Um curso de extensão, o vívido em seus encontros, os encontros com seu vívido, disparando pensar com a educação com uma professora. Com tantas e tantos dela.

Professora Lice e menino Moraes ensaiando com língua portuguesa, matemática, história, geografia e ciências. Com a escola e com a vida. Ocupando-se com o tempo produzindo com o presente, presença. Ensaiando um ensinar, um aprender. Quaresmando alfabetizar. Quaresmando educação como educar. Curso como cursar. Extensão como extensar. Formação como formar. Professora como professar. Matemática... Hum, quaresmando um matematizar. Lice e Moraes quaresmar. Invenção como ação, produzindo verbos. Produzindo viver.

Efeitos sendo produzidos com a disposição e o envolvimento, de professora e de aluno, pondo a pensar matematizar e formar. Efeitos compondo outras possibilidades de implicação e ação, de professora e de aluno, produzindo um educar. Efeitos de apoderar produzidos em uma sala de aula, com um menino Moraes, produzindo uma professora Lice com a... alegria. Efeitos empoderando-o e afetando a formação de uma professora. Lice em formar e alegrar.

Apoderar e empoderar sendo produzidos em um curso, com professora e menino, afetando a formação de outras professoras e professores. O fôlego quase escapando. Lice e outras e outros dela em formar e alegrar. Apoderar e empoderar sendo produzidos e produzindo um educar afetando e empoderando modos de existir.

Incomodar e movimentar. Inspirar. Expirar. Alegrar.

E o fôlego em fuga. Lice viver. Lice afirmar vida com alegria e formação. Quaresmando angústia como alegria com o formar. Vibrando com mãos e braços agitados à frente do corpo todo vermelho inclinado. Corpo vibrar e alegrar. Lice quaresmar angústia como alegrar. Lice em formar.

Um limite de invenção de quaresmar que tensiona toda Quaresma – ora, verbo sendo inventado junto ao não reconhecimento da palavra e de alguns de seus sentidos instituídos –, uma linha de variação ou de modulação tensionada que conduz a Quaresma a esse limite.

Quaresma gaguejando, levada ao seu limite, ao seu fora, ao seu silêncio.

gaguejar^{xlii}

quaresmar

operar com riscos

E as professoras e os professores se reuniam a experimentar modos de multiplicar chamados, por ocidentais, de não usuais. Naquela noite era um método chinês de multiplicação^{xliii} composto por traços. Dispositivo^{xliv} disparando pensar uma operação matemática, aprendizagem e formação através de riscos no papel.

Problematizar técnicas e o algoritmo usual de multiplicação. Segredos profundos trancafiados a sete chaves – ou potências de sete! Limpeza ao encontro de uma estabilização provisória de uma produção. E ilusória transmissão por apresentação dessas formas assépticas de um modo de operar com números e numerais. Com formação, ansiedade e ressentimento quanto ao, por vezes, inalcançável objetivo de ensinar uma técnica. Objetivo disfuncional para algumas alunas e alguns alunos da escola.

Esse método de multiplicação ia de braços dados às *suas* formações solicitando perfurar a utópica transmissão. Urgindo levantar tapetes e arrastar objetos. Fazer exposição com a sujeira encoberta da invenção. Expor arranhões e cravos de processualidade de riscos com Matemática. Perguntar pelo funcionamento do nosso sistema numérico, de origem hindu, supostamente tendo atravessado terra e oceano em direção ao continente europeu com árabes, disparando mais produção nesse continente; de base decimal, representado por dez algarismos que formam numerais; posicional; aditivo e multiplicativo; tornando-se nosso em implicação com conhecer. Como nosso sistema numérico funciona nesse método? – gritando riscos. Dez vezes uma dezena resultando uma centena, dez agrupamentos de dez unidades obtendo cem unidades. Dez vezes uma centena resultando em uma unidade de milhar, dez agrupamentos de cem unidades obtendo mil unidades. E por aí vai. No papel, dois riscos de dezena cruzados por três riscos de dezena e quatro de centena: composição de oito mil e seiscentas unidades como 6 centenas + 8 unidades de milhar.

E problematizando o nosso sistema numérico, pondo em suspensão sentidos com os nomes dados aos números, acessando que são invenções humanas. Quaresmando números, numerais, operações, métodos e seus funcionamentos. Dois ou três passos em recuo, tempo a perder como um modo de alunas e alunos terem infiltrados à pele funcionamentos de objetos matemáticos como produto de implicações em investigação com o viver humano e com suas demandas. Dois ou três passos em avanço a riscos com outros objetos matemáticos, alimentando modos potentes de alunas e alunos estarem em

salas de aula, em escolas. Ir e vir ziguezagueante^{xlv} com formação de alunas e alunos, em formação de professoras e professores.

Riscos como problema pondo professoras e professores a acionar outros riscos em técnica e algoritmo usuais. Inventar modos de propor em suas salas de aula elaborações diversas com isso contando segredos profundos ao pé da orelha que arripiem a espinha. Expondo manchas de invenção. E abrindo salas de aula a elaborações de suas alunas e alunos com multiplicação. Elaborações empoderadoras de viver.

que se faça convidar

Criança. Fazer caretas: para piada, para vergonha, para elogio. Vivendo de inventar, criança. Inventar criança. Inventando histórias, personagens, nomes, fazeres, gostos, cheiros, mapas.

Assombro! – inventar com assombroso. Inventar florescendo pelo estranho que produz arrepio! Com comichão que não deixa susto decantar. Inventar sentido assombroso.

Em suspensão, tornando sentido em problema: transmutando de forma, sempre e nunca. Assim, assombrando o sentido assombroso. Inventar fazendo existir um assombro que nunca havia sido antes de inventado. Inventar o próprio efeito de assombrar.

Abusando de palavra para assombrar sentido – que quando se está em lugar seguro, o susto vai sendo maior, aprendi com gatos.

Criança inventando verbo de abuso de palavra. Fazer de inventar sentido arisco.

Ler mundano e pagão dá-te a quaresmar.

quanto resta em festa?

Não, Ulisses, para esse jogo^{xlvi} não precisa de muita coisa não! Cata lá na vasilha de mantimento umas sementes. Um punhado cheio. Pronto, já risquei um triângulo. Vou começar. Escolhe um canto: do zero, do um ou do dois? Do dois, Ulisses? Tudo bem.

Hoje nós vamos fazer divisões exatas e inexatas. As divisões exatas são sempre aquelas que geram o resto igual à zero. As inexatas, que geram resto diferente de zero. Simples, não é? Então 98 dividido por 2. Toma o nove: nove dividido por dois resulta em quatro e sobra 1. Abaixa o oito que, do lado do um, forma dezoito. E dezoito dividido por dois resulta em nove. Resto zero. Essa divisão é exata. Agora, vamos dividir 45 por 2. Toma o quatro que dividido por 2 resulta em dois e não sobra nada. Por fim, cinco dividido por dois resulta em dois e o resto é um. Essa outra divisão é inexata. Façam o exercício do livro.

Você escolheu o canto do numeral dois, Ulisses? Tudo bem. Escolhe um tanto desse punhado de sementes e põe no centro do triângulo, sem contar quantas sementes você escolheu. Isso, vamos fazer grupos de duas com essas sementes, não é isso? Um grupo de duas, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, catorze. Maria, seu santo é fortíssimo: não é que deu zero?! Quem ganhou foi Maria. Maria em festa!

Vamos corrigir os exercícios do livro. Você: vai ao quadro de giz e faz a primeira divisão. É 278 dividido por 2.

$$\begin{array}{r} 2'7'8 \quad | \quad 2 \\ \hline 07 \quad | \quad 138 \\ 18 \\ 2 \end{array}$$

Vai você então, Maria: tanto do punhado de sementes, agrupamentos de duas. Agrupando, agrupando, agrupando, Ulisses: ué, mas o dois nunca vai dar!

Está incorreta sua conta de divisão. É 278 dividido por 2. Até o dezoito, tudo bem. Mas dezoito dividido por dois não resulta em oito. E quanto resulta dezoito dividido por dois, turma? Isso mesmo, resulta em nove. Aí, nove vezes dois é igual a dezoito e o resto é zero. Essa divisão é? Isso: exata!

Ulisses não quer mais jogar. É que se os agrupamentos forem de dois em dois,

nunca vão restar duas sementes. Ulisses não ganha uma! Ulisses em festa! Ulisses não achando graça. Ulisses saindo do jogo. Jogo se fazendo com Ulisses. Então vamos lá:

$$\begin{array}{r}
 2'7'8 \quad | \quad 2 \\
 07 \quad | \quad 138 \\
 18 \\
 2
 \end{array}$$

Restaram duas unidades.

Com duas unidades podemos fazer mais um agrupamento de duas.

Não resta nada.

O resto é zero.

Dividir por dois é ir fazendo agrupamentos de dois em dois?

Se sobrar sete, fazemos mais um, dois, três agrupamentos de dois dá.

E resta um.

Com quatro, dois agrupamentos de dois e não resta nenhuma quantidade.

Zero.

Com dois também não resta nada e resulta em um agrupamento de dois.

E com dez... Quanto resta?

E com treze... Quanto resta?

E com... Quanto resta?

E... Quanto resta?

Quanto resta de uma produção, Ulisses? Quanto resta quando o pensamento vai sendo arrombado^{xlvii}? Quanto resta em invenção de sentidos? Quanto resta quando se produzem sentidos com restos? Ulisses faz festa! Quanto resta em festa?

começa quando o sinal tocar. tocou^{xlvi}

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Colar cubinhos, barrinhas e plaquinhas^{xlix} na parede.

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Tomar o material.

Apresentar o material.

Convencer de não tocar o material.

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Manusear material? Não para todos!

Ter cuidado.

Quem é mais cuidadoso?

Não, para todos!

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Ocupar mausoléu trancado.

Manuseio para todas e todos.

Contatar contato. Tato.

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Endoidar para ensinar: colar cubinhos, barrinhas e plaquinhas na parede.

Espalhar pelo chão.

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Chutar espalhados pelo chão.

Arrancar cubinhos, barrinhas e plaquinhas das paredes.

Rasgar.

Quebrar.

Sujar com dedos.

Tatear cubinhos, barrinhas e plaquinhas.

Esfregar dedos.

Mas já acabou? Agora que estava interessante!

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

E eu doido pra ir lá enfiar a mão no meio!

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Um faz e todo mundo vai desengatando. Apropriação indevida!

Incomodar.

Ele não produziu. Ele, ela, ele.

E não sei como agir!

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Dando outros números para tentarem.

Copiaram da menina do morro de novo?

Ela deu conta!

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Insistindo até dar conta de conseguir produzir alguma coisa.

Ela não queria qualquer coisa.

Insistindo.

Talvez o oito copiado vá disparando trabalhar em cima do que copiou.

Que você conhece?

Mão arrombar porta.

Sujar com dedos.

Tatear cubinhos, barrinhas e plaquinhas.

Esfregar dedos.

E dezena de milhar, como faz, professora?

Cubinhos, barrinhas, plaquinhas e cubo. Mesmos objetos. Quaresmar sentidos.

Espalhar chão.

Esfregar.

Sujar.

Como conhecer?

Mão tatear porta.

escrever pesquisar**pesquisar escrever**

Pesquisar: novidade e novo na formação, com a formação. Como fazê-lo? Tensão e atenção. Movimentos em dobras¹, investimentos e exercícios – de experiencição em ensaios. Pesquisar em constante e provisória composição de pesquisa e de pesquisadora, de professor e de professora. E de escrever. Escrever solicita, grita, berra no pressuposto de sua necessidade de existência. E de existência, vou conhecendo-a como invenção. Pesquisar como encontros e arrombamentos, esgarçamento de pele, de modo de vida, de certezas e de incertezas. Esticando pele e vida até o limite do rasgar. Recuo? Receio? Pele e vida nem tão elásticas assim: distendidas tomando outras dimensões e formas, também provisórias, abandonadas das características de antes e de suas potencialidades. Pesquisar como invenção arrebatando em potencialidades novas. Escrever com contingência com esse modo de pesquisar.

Escrever forçando o nascimento de uma dissertação, como uma mãe mobilizando células, tecidos e toda força de um corpo a trazer à superfície do mundo uma criação – não sua, mas de conexões e desconexões de células suas e não suas novamente. Conexões e desconexões de forças. E além: escrever dessubjetivação de escrita acadêmica, de autoria, de “leitoria”, de fins muito bem traçados de início. Escrever como dessubjetivação inventiva^{li} de si. Escrever imbricado a pesquisar, ambos em composição.

Escrever sendo destituído de sentidos estáveis para todo o sempre, supostamente próprios e de supostas formas próprias de fazer a Academia. Escrever “sem sentido” como abertura a produzir sentidos. Perturbador. Sentidos vivos sendo inventados através de afecções^{lii} com o vívido e seus fluxos. Abusando da potência de diferir^{liii} de si mesmo, um modo de registrar o pesquisar acadêmico, escrevendo como invenção; invenção de escrita confabulando com invenção de uma política de narratividade que escapa de constituir-se como a verdade.

Escrever como prática requerendo poucos recursos materiais e muito zelo. Incoercível liquidez. Movimento de entusiasmo traçando percursos bifurcantes, n-furcantes, no entre de escorrer e deslizar. Instigador de produção de vida(s), de que nos passa, de pensar no pensamento e de sentidos. E de palavras e de silêncios: novamente, de sentidos. Acionador de modos de viver e daí, adjacente de formação. Compor breve, em processualidade. Escrever como acontecimento. Ocupação de que estou sendo

inventada nessa coisa de escrever.

Escrever como costura de fragmentos de experiência que se permitem registrar. De gênero ou estilo, desocupando-se. Ousando, aproximando-se de uma composição verbal: quaresmar. Ou: estar continuamente se surpreendendo e produzindo sentidos com o escrever. Pensar que mais ele poderia ir sendo. Sendo singular e passageiro. Insistindo no nome: escrita acadêmica, quaresmar escrita. Destituída.

Derrubada **A** escrita, inexistência d**O** algoritmo, acoplada à aspereza de quaresmar, de propor-lhe sentidos. Essa invenção abocando invenção vai sendo além, requer presença no acontecimento. Solicitando quaresmar...

das certezas da couve

Lá no fundo de casa, atrás da varanda que vó fuma cachimbo com os galos cantando às cinco da manhã, mãe planta couve. Têm uns vinte pés plantados de pequenos a médios e grandes. Ela planta em tempos diferentes que é para dar couve o ano todinho.

Já tem tempos que mãe faz isso, que é para não comprar verdura de folha com veneno na venda do Carmo. Erva venenosa vem da cidade no caminhão e antes de lá, vem da plantação grande da fazenda de detrás do rio. Plantação tão grande precisa de veneno para dar folha bem verde, dizem. E o dono da plantação nem come couve! Não sei por que planta então. Professora Vera outro dia disse para a gente lá na escola que é para ganhar dinheiro à custa de envenenar gente de todo lado, para a moça do hospital ganhar dinheiro consultando a barriga e o velho da farmácia ganhar dinheiro vendendo mais veneno químico de laboratório. Tanta gente envenenada, que mãe começou a plantar couve. Couve plantada em casa tem mais gosto, tem mais cheiro e é melhor.

Daí começou a hortinha da mãe crescer no quintal de terra batida que pai afofou.

Acontece que nunca Rita tinha provado couve, pequena que é. Mãe disse que batia com laranja na mamadeira, mas Rita vem sendo desmemoriada de nascença. Quis comer da folha não.

Lá para o meio do almoço, Perigo já babando de espera na ponta da mesa – que lhe caísse logo um naco de osso! – e Rita cutucando meu joelho direito, que é aquele que dói. Da pontada que o fura-bolo da menina produziu, segurei um uivo de agonia que pai não gosta que toda gente vá comendo entre sussurros: já viu dois morrerem de murmurar de boca cheia.

Olhei em fúria para a pequena, que quase não exprimia som:

Couve é bom?

Couve é bom.

Couve é bom?

Couve é bom! – que fosse o último.

Não durando meio minuto:

Couve é bom?

Sem segurar aborbulhamento de dor e chateação, meti as mãos para o alto e estufei o peito magro, levantando e derrubando o prato que Perigo fez questão de limpar a bagunça. E antes que o resmungo de pai virasse castigo, veio vindo algo do fundo, do

ar, da pele, do pelo, da vida, de tudo:

Prova da couve, Rita! Lambuza do óleo que ela foi frita! Que quando seu dente da frente tiver de enlaçar com couve, acaba gostando, birrenta. Experimenta da planta, maldita! De tão minúscula, envolve com ela corpo inteiro. Mergulha na panela da folha e afoga o que vem te passando ao sentir só o cheiro. Come com mão, com pé, esfrega tua cara no tempero. Enfia a unha no refogado até que debaixo dela se crave um fiapo que vai levar um dia inteiro para arrancar, menina arteira!

...

Pai suando em urros, que quando come, se fala, morre de susto. Mãe já de pano de prato na testa estancando aflição de castigo que ia vindo. Aí que vó tranquila, como se nada tivesse acontecido, debochando entre dentes que ainda tinha pretos na boca escapando feijão, sorriu de canto, faceira, depois da pergunta gaga de Rita:

Experimentar para acabar gostando, irmão?

Vó: Ou não.

quaresmar pesquisar, quaresmar escrever – quaresmar pergunta: uma parte?

Um pesquisar se comendo sem pergunta. Composição de incômodos com escolas. Urgindo pairar e pousar brevemente seguindo pairando. Pousos breves comendo sentidos provisórios. Flutuação em efeitos de uma concepção afirmativa de vida com Matemática – aí o interesse. Afirmativa de vida como... Com matemática atravessando formação de professoras e professores. Pondo Formação em suspensão e optando por afirmar formar como elaboração de modos de lidar com mundo, como fazer se dando em Oficinas. E Oficinas constituindo-se em oficinas: afinação com metamorfose de formação em formar. Pesquisar produzindo-se com efeitos disparados com Matemática em Formação. Como se compõem esses efeitos? – pergunta esta sendo composição do que se conta nessa dissertação.

Formação em suspensão... Esgarçada até onde esse corpo-pesquisar-produzir-escrever-professar suportar, tornando-a problema. Raspando-a com unhas ao ponto de produzir nela, frestas. Esburacando-a ao ponto de peneira. Escavando-a ao ponto de arrancá-la da terra. E da terra à terra, inventando sentidos com ela. Que temos para hoje? ...*optando por afirmar formar...* Exercitando um posicionamento político, ético, estético^{liv}. Jogando na vida, com o vivo, a favor do viver. Insistindo com a palavra, de nome a verbo. Insistir em um não-mesmo com a mesma palavra. Insistindo ao escape de negar: a palavra e seus sentidos em provisoriedade. Insistir afirmando que sentidos vão sendo provisórios e que a potência de produzi-los está em consonância com viver. Nas dissonâncias de viver. Escapando com a vida. ... *como elaboração de modos de lidar com mundo...* Uma composição da experiência com esse risco de pesquisar sem pergunta. Sentido sendo inventado a partir de perturbações com a estabilização do sentido ainda vitorioso de formação em jogo de poder^{lv}. Invenção que no meio vem emaranhando-se como um “produto” dessa pesquisa.

Um pesquisar com tudo. Pulsando com o que pulsa. Vibrando com o que vibra. Fervendo com que ferve. Um pesquisar com tudo. Inerte, furioso, balançante, pulsante. Em trânsito de estados múltiplos. Um pesquisar com Alice, Tiana, mãe, pai, Rita, Quaresma, professor Ulisses, Virgínia, professora Lice, professora Vera, Margareth, Oficinas, Gilles, escolas, Moraes, Sônia, Zé, Rute, Maria, Friederich e Michel. Com esquecimento de tantas e tantos. Justificado por tantas e tantos que vêm enchando, dessubjetivando e intercedendo^{lvi} essa pesquisa. Tudo legitimando esse pesquisar já que

através desse tudo ele vem existindo. Um tudo disparando tensionar Formação, Educação, formação, educação, formações, educações, modos de existir e produção de sentidos com a vida, é qualquer coisa?

Um fazer que não se identifique com formas prévias. Resistindo a imposições da tradição. Em contiguidade política de resistência. Há de resistir! Exercício de abertura. Tracejamentos de rupturas. Trançamento de nós. Lançamento ao risco de encontros e desencontros. Disposição à experiência. À espera de acontecimentos. Tateios. Invenção de modos de viver. Cortes. Fraturas. Erupções. Produção de pele sobre chagas. Extração de pele nova. Apodrecimentos. Respiros. Problema: como? Parto: dissertar-contar efeitos. Encravar problematizações. Cravar espinhos à carne^{lvii}.

Elaboração de modos de lidar com mundo como um “produto” dessa pesquisa...
Convites lançados a pedras, mato, gente, coisas. Ir à frente. Não saber se elas e eles vêm.

como acontece uma aula?

Num outro dia, Zé apareceu no quintal lá de casa com um pedaço de papel de pão na mão. Era um pedaço pequeno e estava embrulhando algo pequeno. Quando minhas irmãs e meus irmãos também chegaram perto de Zé, ele abriu o papel de pão amassado e dentro havia um toco de lápis preto e um quadro de numerais^{lviii} desenhado. Era um quadro de numerais naturais, daqueles que se usa para contar quantidades inteiras. Agachamos todas e todos, uns vinte pezinhos, em volta do pedaço de papel rabiscado, em jogo de investigar o tal quadro. E que problemas que foi dando esse tal!

Já entendi que são mesmo numerais naturais, Zé; e que mais, que mais? Uma hipótese: testando na primeira diagonal de numerais do quadro, na segunda diagonal, na terceira e na quarta. Todas as somas têm diferença dezesseis em relação à anterior. Na quinta diagonal, a soma é uma furada! Mas na sexta, dezesseis de novo. Na sétima, dezesseis! E vai indo, dezesseis, até a décima... Ah, cansei. A hipótese do início já furou, mesmo!

E outra foi sendo produzida: vamos limitar para as diagonais que deram dezesseis! Justifica-a então, Juçara! De quatro em quatro cada numeral, coluna por coluna, quatro vezes, dá dezesseis. Quanta Matemática! E Zé não tirando a mão da testa suada. Eu nem me arrisco. E quem se arrisca? Zé a continuar, riscando o quadro. Quem se arrisca, quem se lança?

Daí, outra hipótese se anuncia na voz de Rute: primeira e segunda colunas somadas, terceira e quarta colunas somadas – só até a quarta linha! A diferença entre as somas é quatro. Eu não estou vendo nada aí. Juçara, qual a diferença da hipótese para a justificativa? Eu não estou conseguindo separá-las. Vamos trabalhar nisso juntas e juntos, então? O que entra na hipótese? O que é justificar? E quando a hipótese fura? Aí você vai lá e arruma, ajeita. Às vezes, um jeito nela faz dela outra hipótese, que vale. Vai sendo outra, produzida de novo. Ah, táááá! Explicação^{lix} é coisa que satisfaz, trazendo segurança. E a gente gosta! Sendo explicado, está entendido. Está? Bora

explicar então e todos os problemas serão resolvidos.

Explicando Zé, explicando Juçara, explicando Rute. E agora?

Quem pensou uma justificativa dessa hipótese?

Naquele dia fomos concluindo que problema e solução formam um par incomum de tão comum. É que quando uma solução vai matando um problema, outro vai se fazendo com ela. Era um jogo de investigar com um quadro de numerais. E foi se tornando experiência. Inventando problemas tomando-a para *nós*, fazendo com *ela* desorganização em sua ordenação e elaborando outros modos de dizer *dela*. E experimentando um modo forte de estarmos com algo no mundo, pensando modos de viver como múltiplas e singulares composições sendo disparadas no presente junto ao vívido. Entre longos silêncios sendo arrombados por muita falação e muita fazeção sendo desmoronada por pausas repentinas, o quadro foi também se constituindo como acionador de atenção e disparador do pensar – encasquetadas e incomodados, o levamos para a aula do professor Ulisses lá da escola. E ele foi se aproveitando dele. Rasgando-o em invenções de problemas com as quatro operações, esburacando-o em problematizações, pensando em aulas para nossa turma da escola. Ouvimo-lo dizer à professora Vera que se aproveitando de como o quadro o cativava ele ia ensaiando inventar disparadores para uma proposta, algo com um quadro de numerais inteiros que disparasse outros problemas. Os efeitos de investigá-lo iam roubando o zelo do professor, como vinha acontecendo conosco desde o dia que Zé apareceu no quintal com ele na mão. Não dando trégua, chamava *professor* à com *ele* se envolver e inventar também problemas, tanto com Matemática como com um modo de ir sendo professor. Ulisses, aceitando seu convite, ia embarcando nessa de ensaiar com ele modos fortes com a vida.

Na outra manhã, a proposta da aula era de...

em estado de quaresmar: avaliação

E teve dia lá na escola, que já vinha chegando o fim do ano, que professoras e professores puseram a officinar avaliação.

Nivelar por baixo?

Arrumar modos para que alunas e alunos entrem em problemas, inventem problemas. E se não entrarem num problema já investigado? Parando por aí. E se outros problemas forem sendo inventados? Indo com elas e eles no inesperado! E pode não acontecer? É, vai se fazendo um risco...
Ass.: Vera

Revisão?

Como vamos sendo constituídas e constituídos? As coisas apagam? As coisas da escola deletam? Todas? Suspeito de contágios! Ass.: prof^a Líce.

Tem dias em que vai havendo produção sim. Tem dias que não. Cada uma e um tem suas condições. Ainda me aflijo, mas já lido melhor com isso. Ass.:

Ulisses

Metas e objetivos: acho que a cabeça de nós, professoras e professores, tem que mudar. Porque vai ficando como se quando as crianças vão chegando a um ponto, por exemplo, o sexto ano, já

estivessem prontas! Carmem, 5º ano

Retomar a matéria ou dar continuidade? Luiz

De repente, eu estou pensando em fazer um curso de leitura para trabalhar com essas crianças. Ulisses

*Será que não é preciso perder
mais tempo? Seria perder tempo?
E na hora em que a criança
empolga e entra nas atividades?
Não é ganho?*

Tempo. Tempo. Tempo. Dar conta de quê? Vera

*E a formação vem só com o curso
institucionalizado? Lize*

estar com quaresmar

Companheiros arredondados muito presentes desde os mais distantes anos de escola, quando pequena. Custei para ir acessando quando deles podia ab-usar nas escritas. Dizer que entendi mesmo, não digo. Ab-usei enquanto me foi sendo recomendado pela caneta rubra de professoras e professores e por corretores automáticos. Sempre que possível, vou tentando evitá-los, que amizade a gente não tem! Daí que os compadres foram sendo custosos também com os números e as operações de Matemática. Uma vez um menino cativante veio me dizendo que não acentuava palavras para não pecar pelo excesso. Suas palavras iam atravessando como espada os fonemas. Coisa difícil de ler eram elas! Mas sua tática nem vinha sendo tão ruim assim! Melhor talvez fosse fazer dieta dos redondinhos, para que a gula não viesse me acusando. Apagando-os quando me ia pegando o esquecimento desse pacto com menino. Ausentando-os quando memória fosse se fazendo presente. Boa fuga. Até que...

Oficinar com quatro numerais quatro e operações matemáticas^{lx}. Eita, que fuga que vai direcionando a gente para um limite vinha se anunciando. Sem desapegar, um modo de com ela escapar dos danados! Ah, tem que dar dois? Quatro vezes quatro, dividido por quatro mais quatro. Oficinar com Matemática. Problema – que já vem vindo no nome – inventando problemas que vem vindo das salas de aula da escola.

Espera, que outro modo vem sendo anunciado:

$$\begin{array}{c} 4 : 4 + 4 : 4 \\ 1 + 1 \\ 2 \end{array}$$

Naquela noite, numerais que fossem produzindo outros tantos através de somas, subtrações, divisões e multiplicações. Em grupos, agenciando^{lxi} modos de operar que atendessem à proposta disparada por um *como?*. Os 4 e os sinais reconhecidos solicitando pôr a pensar como um resultado vai sendo acessado pelas operações matemáticas. Pondo a pensar expressões com numerais. Pondo a pensar modos de ensinar. Pondo a pensar aulas de Matemática.

Tem outro caminho? Não sei, a gente está pelejando por esse.

Solicitando inventar um modo de estar com uma atividade que demanda elaboração. E que ofusca técnicas prontas através de produção de sentidos. E que vai se compondo como um oficiar destituindo um lugar de saber e um modo acabado de estar com. Em arrombamento com numerais, experienciar expressões junto à invenção. *Como?* também pondo a pensar em efeitos.

Eu fiz diferente. Eu só vi assim.

$$\begin{array}{r} 4 . 4 : 4 + 4 \\ 16 : 8 \\ 2 \end{array}$$

Colocando em suspensão o familiar – é o que faz uma boa pergunta! A partir do que funciona, oficinando modos de funcionamento.

Suspensão: vai dar oito. Oito?

$$\begin{array}{r} 4 . 4 : 4 + 4 \\ 16 : 4 + 4 \\ 4 + 4 \\ 8 \end{array}$$

Quaresmando sentidos para algo que se impõe e exige aceitação que se dê através de total submissão. Problema com o *faz assim que dá certo*. Aqueles arredondados, tão re-conhecidos companheiros que aparecem nas escritas e nos registros de sequências de operações vão tomando tom e cor quando lhes vão sendo inventados sentidos com sua potência matemática de operar.

Usa parênteses! – ecoando por um viver, vívido. Limite dessa fuga. Não é que de tanto fugir, um encontro com eles pôs-se a dar? Que fazem os parênteses? Que funcionamento secreto pulando das sugestões de escrita e, mais ainda dessa vez, dos riscados vermelhos vem solicitando invenção?

Usa parênteses!

$$\begin{array}{r} 4 . 4 : (4 + 4) \\ 16 : 8 \\ 2 \end{array}$$

Experenciar invenção. Em inventividade, um sentido estabelecido tomando corpo. E aquela velha máxima: ah, então era isso?! Partindo da técnica cega, sem deixar saudades. Produzindo sentido para os tais arredondados, tomando posse deles junto a um modo de elaborar invenção com.

Apoderando um modo de fazer que vá transbordando em proposições de aulas. Dar a experienciar com 4, operações matemáticas e sinais se agenciam. Dando a pensar com Matemática produção de uma verdade. Uma que se estabeleceu. Quaresmando parênteses: uma invenção tornada verdade canônica. Injetando vida aos rascunhos secretos de uma processualidade. Pondo expressões de numerais, seus símbolos e funcionamentos em estado de quaresma. quaresmar.

E quem conta dos problemas com parênteses, é professora e professor ou aluna e aluno?

falta, vida

Numa dessas Oficinas das professoras e dos professores da escola, elas e eles iam pondo-se a officinar uma disputa acirrada em contabilizar faltas.

De um lado, Ulisses, professor de Matemática do sexto ano. E com ele tantas professoras e tantos professores. E com ele um eco da falta em suas alunas e seus alunos: falta lendo problemas na aprendizagem. Ia contando de Tião. E com ele tantas alunas e tantos alunos. Tião era menino agitado. Solicitando uma coisa que a gente não sabia dizer o que era. E ele solicitava. Seguia solicitando vida afora. Inquietando-se com contas, horas, nomes, ortografias, poéticas, geografias... Aparecia sempre cortado, dizendo não saber de onde viera a ferida. Inquieto com ardor. Passando remédio de casa toda hora. Acompanhando sarar. Dele íamos rindo junto: que machucados de quaresma ele ia curtindo amputar. Em tudo, solicitando algo. De algum modo, sabíamos que ele solicitava um algo, que podia ser o algo. De nada sabíamos, além de joelhos ralados ou gessos em braços. Até na gente, essas doenças de Tião querendo decepar.

De outro lado, Vera, professora de Matemática do quinto ano. E com ela tantas professoras e tantos professores. E com ela um eco da falta em mães e pais e professoras e professores de suas alunas e seus alunos: falta lendo problemas na aprendizagem – mães e pais de fora da escola, professoras e professores de dentro da escola. Ia contando de Carmo. E com ele tantas alunas e tantos alunos. Carmo passava dias e tardes e noites e até comezinho de madrugadas na venda, que era bar, que era farmácia, que vendia papel. Fazendo-se garçom, balconista, telefonista, encantador por pássaros – que pássaros o encantavam: e voavam. Nuns dias ia conversando com sapos. Numas tardes, ia assando rãs no espeto à freguesia. Noutras noites, ia caçando vagalumes. Algumas madrugadas, ia cantando com cigarras. E, dia novo, tudo ao inverso de novo. Mãe pedia que eu fosse à venda meio-dia e do meio das mesas de beberonas e beberrões de simpatia, Carmo arrancava um quilo de toucinho e um estojo de lápis de cor, de presente. Não se definia que fazia naquele lugar. Íamos chamando Venda do Carmo. Homem feito que não era ele que fazia a si mesmo. De cultura, dessas de museus, de livros e de escola, tendo pouco a oferecer ao filho. De vida livre desses espaços que se diz serem de cultura, transbordante. Carmo quaresmar cultivo de vida.

E de novo Vera, aquela, disputando entre discursos e fazeres, onde não se separam, se constituindo com o viver. Pondo em estado de problema faltas de famílias. Compondo um viver em família. Quaresmando família com Chico e com seu pai,

casada desde 1900, diziam. Não entendia isso que toda gente ia afirmando. Nem era velho ele nem era velha ela pra casar há tanto tempo. Uma confusão! Filha de Tião Azul, lobisomem das contações que ouvíamos de Quaresma, Vera fora obrigada pelo pai a casar. Pai me dizia algumas vezes que viviam, Vera e Chico, como companheira e companheiro, como família e como amores. E como tantos modos outros. Viviam bem, o povo todo dizia. Bem em viverem juntos e darem-se a viver. Ia pensando que ela e ele iam quaresmando tal casamento. E sem crianças em casa, iam amadrinhando Maria, sobrinha de Tiana.

Falta das alunas e dos alunos, Vera! Na escola, Tião não se via contente com as aulas de professora Lice. Queixando-se da instabilidade de professora que parecia ir experimentando sempre o que fazer e como fazer. Nunca era igual. E Tião se incomodando. Eita, mulher imprevisível às solicitações de menino!

Falta das mães e dos pais, das professoras e professores, Ulisses! Em casa parecia dia de escola. Inácia dando conta de Tião, hora cedendo às respostas das solicitações do filho, ora fazendo tremores nos pés do garoto que queria viver no quintal. E só de quintal. Desejo^{lxii} de ir longe não. E dentro de cada, resistia em ficar. Das janelas abertas, nem olhava. Quintal é de casa? Tião incomodava-se com dentro e com fora que avançasse além dos vinte passos que podia dar antes das cercas. De fora de casa pensava não pertencer a ela ou ela a ele. De fora, vez ou outra mãe olhando-o e falando-lhe da janela, de dentro. De dentro, desenhando com pedaço de pau toda a terra fofa da frente da casa. E no meio do desenhar, vendo Inácia sair à varanda, apoiando vasos de plantas nos muros baixos da varanda. Tião – de fora – vendo Inácia – de dentro – se pondo a fora. Adornando a entrada da casa – ele, de fora. Adornando a entrada da casa – ela, de dentro. De dentro das cercas e de fora da casa. Inácia fazendo tremores nos pés do garoto que queria viver no quintal. Tião tremido, confuso, incomodado com o lado que ia ocupando – dentro e fora. Quaresmar dentro e fora^{lxiii}. Parecia dia de escola.

Falta das alunas e dos alunos, Vera! Maria catava folhas, insetos sem vida, gravetos, moedas antigas, bingas de cigarros e restos quebrados do chão. Vera e Chico lhe dando bronca todo dia. Colecionando miudezas. Nadinhas. Lixinhos. Porcariazinhas. Importava-lhe as insignificâncias. Chico se incomodava: como dar conta de Maria, a quem^{lxiv} interessa profundidades com nada^{lxv}, Vera?! Vera, aquela professora, se incomodava. Maria era sua aluna. Professora se revirando e virando em pensar: como escola vai dando conta de des-conexões com a realidade de Maria?

Quaresmar dentro e fora da escola.

E a disputa tramando. Falta das mães e dos pais, Ulisses!

Faltas das professoras e dos professores, Ulisses!

Faltas das alunas e alunos, Vera!

Tramando com faltas...

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

São as professoras e os professores!

São as famílias!

São as alunas e os alunos!

E Morais, filho de Carmo, ia tomando para si, tomando em si, seu nome. Aluno lá da escola, no meio da disputa, tramando com seu nome, tramando com vida. Dele nada mais a dizer.

quaresmar escrever, quaresmar pesquisar – quaresmar pergunta: outra parte?

Pesquisar sem pergunta é potente demais...

Estou aqui pensando: se pergunta é problema? Às vezes sim, às vezes não. Pode ser expressão de problema. Ainda assim... Às vezes sim, às vezes não.

Pesquisar com pergunta pode ser dúvida socrática. Pergunto, afinal, só sei que nada sei?. Pesquisar com pergunta pode ser método moderno: duvidar^{lxvi} cartesianamente de tudo até que nada reste a duvidar, até os limites do óbvio transcendente. Mas como é pesquisar sem pergunta? – me pergunto! Socraticamente? Cartesianamente? Expressão de problema?

Pesquisar vai sendo potente porque pode ir sendo afirmar formação. Pode afirmar modos de lidar com o mundo. Pode até verbalizar um monte de substantivos por aí, quaresmar substâncias em ações verbais, gaguejar essa língua maior^{lxvii} que discursa a subjetividade quase morta que vive no tal Sujeito, aquele com S maiúsculo mesmo. Pesquisar sem pergunta como modo de afirmar SsssSSssSS.

Será que pesquisar com pergunta é pesquisar afirmando? É preciso inventar com isso. Seria possível pesquisar sem pergunta tomando para si o Leão^{lxviii} da Crítica? Que pesquisar sem pergunta está quaresmando?

ACADEMIA! Com todas as letras maiúsculas mesmo. Com um si. E um si.

É essa ACADEMIA que a Academia te deu a quaresmar?

Também. Também "ela". Mas também o vívido, desde uns 2008, na tal.

Poxa, perfeito...

Na reprovação em disciplinas de geometria, aritmética e álgebra na graduação (enquanto elaborava um geometrizar, um aritmetizar e um algebrizar), em uma alegria potente com disciplinas de educação matemática que iam pondo problemas em invenção e ação e outra com essas disciplinas em espaços virtuais em tutoria em 2015. Em grupos de pesquisa e estudo, desassossegando o pensar. Em uma caneca de "professora você é d+" composta de "você é muito imprevisível: nunca é matéria, teste e prova". E em tanto mais... Ah, a caneca traz frases de Einstein e Pitágoras. Em um professor universitário que liga o Skipe a conversar com uma candidata ao mestrado, ansiosa. E uma doutora verticalizada que diz que isso não é pesquisa ACADÊMICA. E esse não é o fim. Porque não tem disso... Continuidade descontínua. Ziguezagueante.

Aiiii... É por isso que a dissertação não finda o mestrado... Mas aciona outros do

tornar-se mestre^{lxix}.

e, de novo, o sinal tocou

Quando cheguei, o tabuleiro já estava em cima da pedra, as crianças espalhadas nas outras pedras em volta de seus tabuleiros e algumas outras duplas prostradas sobre o chão cavando covas e lançando sementes nelas^{lxx}.

Cidinha fez sinal pra mim: queria jogar. Era a primeira vez que via aquele tabuleiro e lia as regras do jogo. Eu já tinha jogado outras vezes com os irmãos e irmãs e na escola. Mas como a menina caminhava com os olhos pelas letras no papel das regras do jogo, decidi não dizer nem mostrar que eu tinha uma estratégia.

Não era uma estratégia assim tão inédita, mas num dia já de noite em que jogava com Zé, ele me soprou um segredo que tinha lhe vindo jogando: deixa as suas covas vazias! Peguei *seu* segredo e, também jogando, fiz com ele uma sequência de jogadas de sucesso. Depois de tantas vezes jogando sementes nos buracos do tabuleiro, aprendi a jogar.

E naquela tarde, vendo Cidinha percorrer as regras com os olhos, decidi jogar como se não tivesse aprendido.

Cidinha lia as regras, às vezes parava em algumas delas e lia de novo, coçava a cabeça, franzia a testa, continuava a leitura. Com cara de quem estava num lugar estranho, colocou o papel de lado depois. Deixei-a começar e ela lembrou-me que ainda não tínhamos distribuído sementes nas covas, me dizendo que eram três em cada uma delas. Segui seus movimentos, semeando. Ela fez a primeira jogada. Com a minha aprendizagem daquele jogo analisei que não tinha sido uma boa jogada. Mas eu tinha decidido jogar como se não tivesse aprendido. Para dar uma enrolada no início, fiz uma jogada também que não era das melhores. E Cidinha acompanha meus movimentos, olhando atenta para o tabuleiro.

Ela jogando. Eu jogando. Ela jogando. Eu... Com o dedo indicador, conto quantas sementes têm na minha quarta cova: sete. Aponto o indicador para as covas seguintes e vou contando até dar sete. Faço o mesmo com a terceira cova. Decido-me pela quarta cova mesmo e começo a semeadura. Cidinha jogando. Eu jogando. Cidinha. Eu.

Deixo passar uma, duas possibilidades de capturar sementes dela, que era o objetivo do jogo. Na terceira, talvez fosse o momento. Fiz minha jogada e capturei uma semente da menina. Pego a semente e vou falando: olha, minha semente caiu numa cova vazia do meu campo e isso significa que posso capturar sua semente que está na sua

toda jogando e eu, mais porque estavam todas jogando do que por motivação com aquele tabuleiro, joguei de novo. Aí foi diferente. Uma formiga dessas que picam e dão coceira me encontrou. E coçou e coçou e...

Cidinha fez sinal para mim: queria jogar. E eu, cocei de novo: queria que o tabuleiro fosse uma coisa e depois fosse sendo outra pra ela também. De uma coisa já desconfiando: a insistência fazia, de um tabuleiro de jogo, meu território^{lxxi}.

Cidinha fez sinal para mim: queria jogar. E eu tinha uma estratégia. Só que tinha é no passado e de passado eu não conheço muito não. Com a estratégia que eu tinha e com Cidinha e o tabuleiro, iam tendo outras estratégias, que só eram “tendo” quando, de tanto insistir, a gente inventava. Eu queria inventar e Cidinha, também. Eu jogando com minha estratégia e Cidinha jogando com meu jogo: jogo de inventar jogo.

O sinal que Cidinha fez disparou tanta invenção: jogos, tabuleiros, sementes, semeaduras, covas, capturas, Cidinhas e *eus*.

qua-quê?

invenção duma resma

Criança brincar às tardes na rua da frente de casas. Na rua de trás, por vezes. Criança ter fome de brincar. Pique, queimada, corrida, futebol, dança, luta. Aquilo passar por crianças e com crianças. Aprender que aquilo passar é coisa de criança.

Tiana repentina, berrar, apressar. Mulher forte, jovem. Sem parir, mulher mãe de sobrinhas e sobrinhos, mãe de dezenas. Mobilizar modos de fazer crianças viver, de fazer mãe. Crianças entrar para a casa, rapidamente – seis horas!

Criança ter fome de brincar, correr, brigar. Crianças entrar na casa, deixar rua. Criança solidão. Criança embravecer! Interrogar.

- Porque hoje é Quaresma.

Romper.

Intrigar com novo. Incomodar. Lembrar e esquecer. Não reconhecer.

Romper de um exercício.

Inquirir por reconhecimento. Silenciar, ouvir. Assombrar. Confundir. Existir? Deixar de existir? Como?

Romper de um exercício de reconhecer.

Perturbar. Procurar. Escavar. Conhecer. Que passa? Passar dedos, pele, digitais, tato. Não reconhecer “Quaresma”.

Romper de um exercício de reconhecer se tornando.

Assombrar, crer e inventar. Repetir e diferenciar. Viver criança.

Romper de um exercício de reconhecer se tornando prática.

Sabor ouvir contar. Esquecer potente de memória. Despertar atenção voadora. Suspeitar do contar: nunca existir antes de se contar. Nunca existir.

Romper de um exercício de reconhecer se tornando prática de conhecer.

Contar novo vibrar. “Quaresma” acontecer estranhar. Vibrar. Diferenciar. De estranhar “Quaresma”, fazer quaresma, fazer outra.

E outra e outra e...

Um verbo, quaresmar.

Romper. Com a vida, afirmar vida. Transvalorar^{lxxii}. Quaresmar.

quaresmar escrever com efeitos do viver

O professor Ulisses sempre pedia que a gente escrevesse e lesse em suas aulas de Matemática. Sempre insistia. E muito. Ler e escrever. Escrever. Escrever. E...

Numa tarde, disse que era para a gente pegar nossos livros didáticos e copiar o capítulo de sistemas numéricos de outros povos nos nossos cadernos. O capítulo era grande e cheio de desenhos e letras. A gente ia copiando e se queixando, se queixando e copiando. Ahhhh! Que capítulo grande!

E copiar não ia agradando a gente. Foi quando Zé reclamou:

- Ah, mas copiar para que, professor? Já está tudo no livro! Nos nossos livros!

E aquela reclamação ia me fazendo flutuar entre as vozes, a queixa e o retruco, a turma um pouco agitada dentre aquelas e aqueles que davam força ao Zé ou que se intimidavam diante dos argumentos do professor. O *nossos* que pulava da boca do Zé entre respingos de saliva de um menino ansioso, entre a posição de protesto que ia ocupando na sala de aula naquela tarde e a solução esperada do nosso impasse com Ulisses: não copiar o extenso capítulo de sistemas numéricos.

Voando enquanto menino e professor discutiam a proposta da aula, ia pensando na cobrança da coordenadora da escola no começo do ano: “Devolvam logo os livros do ano passado, crianças! As novas turmas precisam dos livros para estudar esse ano! Ah, mas se não trouxerem, vão ver só: nada de livros novos para vocês!”. Livros novos que de novos tinham nada... E tinham tudo, ao mesmo tempo. Livros rabiscados, sujos de dedos de gordura das outras crianças que faziam as atividades de casa depois de comer com a mão, quase desencapados. Registros de assuntos, que para a gente iam sendo novos, de Matemática, História e Ciências. Novas informações de vários temas e, muito mais que essas novidades, outros mundos do muito do novo que a gente podia fazer com Matemática, História e Ciências. E... E ia pensando também nas dezenas de livros devolvidos à coordenadora e que ficavam amontoados debaixo da escada, úmidos e, cada dia, mais sujos. Acabando-se. Sobravam. E lá iam ficando.

E de tanto flutuar, pousei na fala do professor Ulisses que ia afirmando lá pela terceira ou quarta vez que enquanto a gente ia copiando o tal capítulo que aí a gente ia lendo a matéria de sistemas de numerais. Aí é que flutuei de novo. E não líamos quando não precisávamos copiar? E como a líamos? E Ulisses seguia nos dizendo que escrever era bom. E que precisávamos escrever. Como escrevíamos? Escrever é copiar?

Naquela mesma semana, as professoras e os professores da escola iam se

reunindo em Oficinas. A proposta combinada semanas atrás entre elas e eles era irem escrevendo um diário, contando com o que ia se tornando acontecimento com elas e eles nas salas de aula e nas oficinas. Naquela noite, em que trocariam seus diários entre o grupo, oficina vazia. Pouco a pouco, iam timidamente chegando. Parecia dia de entregar trabalho de Matemática na escola. Se chegar mais tarde, será que o professor Ulisses ainda vai pedir a tarefa pronta? Quem sabe...?

E mais uma professora ia chegando. E com um bocado menos de timidez, o problema que ia sendo composto com o compor de diários foi invadindo a Oficina através dela. Escrever um diário é difícil. Escrever como a oficina ia acontecendo para elas e eles ia se compondo como arrancar tampão do dedo grande do pé: sangra. Algumas delas e alguns deles faziam isso quando crianças, mas de criança gente grande lembra pouco. E vive menos ainda. Gente grande pode ir vivendo como criança também? Tem dia em que se dar a escrever gasta tempo: duas horas para espremer uns dois parágrafos e olhe lá. Noutros, três frases que vêm de supetão e passam para o papel em cinco minutos valem mais que os parágrafos sofridos. Escrever com efeitos não é copiar. Estava lá o problema de escrever, né professor Ulisses?

Entre queixas e justificativas, outras propostas iam sendo produzidas pelo grupo oficineiro: escrever que se dê no meio da Oficina, como bilhete; ou no meio da semana que vem se fazendo intervalo entre as reuniões em que a Oficina vem operando, como e-mails; num diário coletivo que fosse circulando entre todas e todos ao fim de cada reunião... E isso e isso e isso. Propostas produzidas junto aos movimentos experienciados com os encontros daquelas noites, propostas apoderadas fluindo. E só de pensar que naquele dia da proposta de cópia do capítulo... Apenas copiamos, por fim! Ah!

Na Oficina daquela noite, desta ocupação, outras vinham compondo: corpos físicos ocupando as mesas longas do salão e entre conversações e combinações, escolhas de livros^{lxxiii} e atenção capturada por alguns sistemas de numerais iam sendo anunciadas. Ocupação produzida com implicação e movimentação. Ocupação de officinar.

E ia sendo dado início ao pesquisar. Nada se acha sobre sistemas numéricos de outros povos aqui. Nem ali. Naquele livro de lá, talvez! Talvez um problema ia sendo costurado junto ao folhear das brochuras empoeiradas: que se procura com esse pesquisar?

Leitura, leitura, leitura como pesquisa. E de leitura, rompem-se escritas:

Foi...descoberto...pelos europeus... no século XVI. Hum, intrigante! Danados, os europeus! Nos livros contam-se que descobriram tudinho que... que... que... De onde veio esse troço todo que os europeus descobriram? É de se assombrar! E veio? Hum, intrigante!

No papel, formas duras iam pondo o pensar em ação. Noutra folha, traçando-se ensaios, sendo elaborado outro texto: E foi surgindo da necessidade de mensurar um pedaço de terra para plantar e para construir moradias. Do momento que as pessoas se tornaram, de nômades, a parte de uma comunidade.

E “descobriram” vai se configurando como invenção de um povo, provisória, apropriada por outro povo pondo-se a inventar através de modos como foram sendo afetados.

E de descrições, a contação desses sistemas numéricos desembocando em elaborações com seus modos de operar. Sistema aditivo, sim. Posicional. Posicional? Que implica em um sistema ser posicional? Trocando-se as ordens dos símbolos ao representar um número, que acontece? Símbolos assumem outros valores relativos? Não? Não! Pois, não posicional. Mas se somam os valores absolutos desses símbolos quando vão ocupando uma posição e subtrai em outra, não há um laço com a posição? Pois, outro modo de ser posicional? Aí se foi ouvindo um sussurro quente no pé do ouvido, igual cola em dia de prova: quaresma posicional, Zé! Pois, posicional – só que de modo outro! Modo de quaresmar nome e conceito. Sistema de base decimal? Mas tem um símbolo para a quantidade cinco e tem um outro para cinquenta e tem um para... Que implica inventar símbolo para uma quantidade em um sistema numérico? Implica inventar uma base. Implica inventar uma escrita para o número também. Sistema de base decimal, sim, e com símbolos para “os meios dos símbolos de dez” para que a escrita das quantidades caiba em papel pequeno. Sistema multiplicativo nada! Aditivo e subtrativo, e olhe lá. E zero? Zero, que nada também: que graça tem escrever coisa que não representa coisa nenhuma? Graça de viver, sentido com o viver? Agora, operar com esse sistema? Para! Pula para o nosso! E quaresmando *nosso*, que *nosso* vai sendo coisa de lugar, de época, de gente. *Nosso* vai sendo singular. *Nosso* vai sendo provisório.

Como pensar na constituição desses sistemas, de seus registros e funcionamentos? Fabricando questões^{lxxiv}. Junto ao disparador do pesquisar. Em experiência com eles. De estranhezas à experimentação produzindo com o formar. E transbordando produções de pequenos textos com a pesquisa. Um exercício de escrever acontecendo. Como isso vem invadindo as salas de aulas delas e deles? E a sala de aula

de Ulisses? Vem invadindo? Vale a pena? Como com esses sistemas de numeração se dá invenção? Invenção se constitui como produção de novidades?

Mãos, pés, conchas, calendários, religiosidades e cotidianos produzindo marcas do viver com presença na instituição de registros de contagens. Mãos tornando-se letras, arcos tornando-se U's invertidos. Marcas de uma produção humana com a vida. E os símbolos dos povos iam perdendo-se de um si no passar das páginas do livro. Mutando-se em outros. Práticos. Limpos de seus adereços.

Professor Ulisses, posso ir escrevendo minhas dúvidas e as coisas que estou pensando ao ler, ou é só para copiar?

mil duzentos e trinta e quatro...

Muros: chapisco. Portão e grades. Pintura nova. Alguém para abrir o portão. Alguém, boa tarde. Rampa de acesso que dá no corredor das salas de direção, no refeitório e nas salas de aula. Corredor, mas aberto. Passa luz, passa som, passa ar. Mas, corredor estreito. Portas iguais que permitem e impedem passagem a cômodos iguais de paredes, janelas, ventilador, mesas, cadeiras, armário, mural e quadro negro que é verde. Por fim e pelo início e meio e pausas e retornos e fim, sinal sonoro. Vão começar as aulas.

Eu tenho sete anos. Eu, oito. Nove! E eu, vinte anos que estou aqui. E ela sabe. Ele é inteligente. Ele é esperto. Diziam que há sete tipos de inteligência humana: interpessoal, intrapessoal, musical, lógica, linguística, motora e espacial. Enquanto esta frase termina, há quem tenha inventado e proposto uma categorização para mais duas ou três. Na escola, as provas são quase sempre escritas e buscam surpreender com questões que devem ser impecavelmente respondidas... Ela tem dificuldades. Ele é bem fraco. Ela é analfabeta. Ele também é. Elas e eles são. Eu sou analfabeta. Dizem que é preciso desaprender oito horas por dia^{lxxv}.

O jogo começa quando o sinal toca... Tocou. Não sabem, não sabem e não fazem. Rita sussurra. Marcos grita. Abafa a menina. Abafa a menina? Que pode abafar a menina? Rita larga de lado. Rita nem põem as mãos! "Ela nem tenta!!!" – abafado. Rita sussurra. Ouvidos, ouçam! Rita sussurrando. Rita põe as mãos. Precisa de acompanhamento. Precisa de companhia, de presença, estar presente. Rita se faz em presença numa aula. E sussurra: mil duzentos e trinta e quatro. Ela fez! Você viu que ela fez? Ela estava fazendo, a Rita. É, aquela aula, ela fez...

Rita continua com dificuldades. O problema não é Rita estar na sala de aula. Rita tem que estar de outro modo na sala de aula. Não dá para ser a mesma Rita de antes. Como?? Repete dezena para ela. Mas não basta repetir: soletra, repete, interroga, argui, inquiri, dissecar, arranca as tripas, vira a carne ao avesso, drena o sangue, mutila. De - ze - na. DE - ZE - NA! Ela não aprende dezena! Aquele dia, ela fez: mil duzentos e trinta e quatro... Ela não aprende dezena? Ela fez: mil duzentos e trinta e quatro! Não basta repetir, soletrar, interrogar, arguir, inquirir, dissecar... Noutro dia Rita quaresmou números e numerais: unidade de milhar, centena, dezena e unidade. Dezena? Rita contando, registrando e lendo mil duzentos e... O problema não é Rita voltar para a sala de aula. Rita pode estar de outros modos em sala de aula. Como? Como convidar Rita e

Inácia e João e Maria e Marcos e Juçara e... Para a sala de aula? Para uma aula? (Que seja aula, enquanto dure viva e intensa). Como? Como Rita volta para a sala de aula sem ser a mesma – sala e Rita?

Como convidar Rita?

Rita, indo para a escola, com areia que o almoço de vó botou em seus olhos, convida uma pedra para ir à escola com ela. Rita vai à frente. Na escola, espera a pedra. Não sei se ela foi.

Oficinar pesquisa.

Pesquisar gritando, gaguejando, balbuciando, murmurando, berrando, silenciando, sussurrando em ação. Que elogio mais belo do que o de um crítico dizendo de um pesquisador: *isto não é^{lxxvi} pesquisa.*

Sou fraca para elogios^{lxxvii}.

primeira cena

A professora dizia à turma de trinta e oito adolescentes, às sete horas da manhã^{lxxviii} – contrariando recentes artigos de neurocientistas que afirmam que crianças e adolescentes não deveriam ir à escola antes das oito e meia da manhã e em concordância com a legislação governamental que afirma que as aulas do primeiro turno devem iniciar às sete horas da matina.

A professora dizia à turma de trinta e oito adolescentes, diante da solicitação de como construir um gráfico: vamos ler o enunciado! Ele diz que, para cada sistema linear do exercício anterior, deve-se construir um gráfico contendo as duas retas que representam as duas equações dele. Então, para construir a reta de uma equação linear, que é sua representação geométrica, devemos ter dois pontos. E para obtê-los, podemos substituir uma das incógnitas por um valor de nossa escolha. Você: escolha um valor. Qualquer um? Sim, é uma escolha. Três. Certo, e qual incógnita você deseja substituir? X. Então, substituímos a incógnita x na primeira equação do primeiro sistema linear do primeiro exercício por três e ficamos apenas com uma incógnita nesta equação. Daí, calculamos o valor dessa incógnita. Agora, com esses dois valores, de x e y , marcamos no plano cartesiano um ponto. O valor de x é a abscissa desse ponto e o valor de y é sua ordenada. Pronto. Para obtermos o segundo ponto, procedemos do mesmo modo. Agora você: escolha um valor e uma incógnita. Qualquer valor? Sim, é sua escolha. Sete. E a incógnita a ser substituída? Qualquer uma? Sim!!! Y. Certo, calcularemos então o valor da incógnita x . E marcamos o segundo ponto. Como obtemos os dois pontos a partir da mesma equação, traçamos uma reta que passe por eles dois. Pronto. Agora, para a segunda equação do primeiro sistema linear, procedemos do mesmo modo. Façam aí.

A professora, as sete e sete, se senta em sua cadeira acolchoada, em frente a sua mesa. As sete e treze, um aluno se dirige a ela: professora, veja se meu gráfico está correto. A professora olha o gráfico do aluno. Como você obteve esses dois pontos dessa sua reta? O aluno responde à professora: substituí x por dois *na primeira equação* e y por três *na segunda equação*. Com os valores calculados, marquei os *dois pontos* e tracei *a* reta que representa o sistema linear.

A professora, às sete e dezesseis da manhã, sentada em sua cadeira acolchoada, de frente à sua mesa, sente escorrer das axilas uma gota quente de suor numa manhã de clima ameno.

Corta!

**existem palavras inexatas para dizer de coisas exatas?
que palavras são essas? – I**

Tudo começando com Quaresma.

Que nome tem o cachorro? Quem escolheu “gata” para gata? Alice ia sendo criança pequena. A única criança da casa. Porque essas sílabas? Essas composições delas? Inquieta, tentando outros nomes, fazendo anagramas. Inventiva. E se for chamando de outros nomes, cola?

Zzzzz. Zzzzz. Zzzzz. Pequena Alice, enfiando o dedinho na tomada: só pra ver o que acontece. *Zzzzz.* Um belisco na ponta do dedo. *Zzzzzzz.* Um arrepio pelos pelinhos finos braço acima.

Criança. Inventando. Biquinho pra frente, assoprando. Força, fôlego, técnica. Lançando-se à experiência do homem-passarinho que ia cantando como ave colorida e penosa que assobia dos fios de eletricidade da frente de casa. Saindo mais cuspe que som.

Ladeira irregular. Íngreme. Longa. Quase uma corrida ou rali em dias de chuva. Os olhos atentos. Sedentos. Impulso com o pé direito – destra. E vai. Jogando-se. Longo breve momento. Flutuando. Balançando. Coração batendo na boca. Mãos suando. Curiosa e inventiva, jogando o velotrol barranco abaixo, descendo ladeira. Agarrando-se ao arame farpado. Experimentando a suspensão da gravidade. Criança lançando-se ao risco.

Adulta e adulto em conversa sensata, organizada. Enchendo o saco. E ele lá, se insinuando. Quase dizendo seu nome. Que acontece...? Os dedos acariciando a superfície do pelo, tão suavemente que o bicho parecia quase não ir percebendo. Força, precisão. Surpresa, dor, ardência: dois furinhos. Puxando rabo comprido por trás da toalha de mesa – só pra ver no que dá. Tomando mordida na mão. E desatando em sorriso.

Ronronando. Puxando rabo comprido e peludo de novo. Carregando gato casa afora. De novo, vendo no que dá. Lançando-se. Risco. Inventando.

Suas invenções, comuns e singulares. Quando ia notando, ia percebendo-se pensando. Já sendo problema nome, tomada, assobio, velocidade e gravidade, reação animal. Nem sabe como começou aquilo. Mas está sendo. Pegando e fazendo.

Nome, tomada, assobio, velocidade, gravidade, reação, animal. Quem inventou esses nomes? Por que não deixou alguns pra gente inventar? Desconformismo.

Contaminando a roupa de cama, menina distribuindo bronca da mãe. Quem inventou que é pra isso? Que se senta em cadeira, sofá ou banco? Que cama foi feita pra deitar? E que com roupa que se sai na rua, não se pode nela deitar?

Quem inventou que bicho não fala com gente? Posso também inventar? E antes da resposta, se pondo em movimento: criança inventar.

Às vezes sentindo sem reconhecer palavra para dizer *isso*. Parecendo que nenhuma palavra reconhecida expressa a intensidade *disso*. Usando palavras desconhecidas de sentido, parecidas de grafia. Só parecidas – os sentidos vão dando proibição de que sejam iguais.

Ab-usando de Quaresma.

Inventando com nome, tomada, assobio, velocidade e gravidade, reação, animal, vida: quaresmar.

quanto cabe?

Bem às quatro da tarde, café esfumado no bule e travessa de rosquinhas caseiras à mesa de centro acompanhando agulhas, cores, texturas e braços arqueados em ritmo variante. Passa por cima, prende, gira, passa, laça.

Professora Vera quer ensaiar uma aula de frações^{lxxix}. Quer propor uma investigação do conceito de fração como razão utilizando barras de madeira marcadas em dez partes de mesmo tamanho e cubos idênticos de madeira que agrupados em dez formem uma dessas barras. Vera pensa nesses materiais e em frações como razão a partir da questão “quantos cubinhos de madeira cabem em uma barra?”.

Professora Lice quer ensaiar uma aula de frações com Vera. E o plano da aula que querem ensaiar juntas não sai. Signos^{lxxx} de mensuração e razão que vão afetando uma professora tornam-se problema com outra. Juntas, convergindo e tecendo questões com um conceito: quantos pares de cubos cabem em uma barra, Lice?; cabem cinco?; cabe uma quantidade inferior à unidade? Juntas, divergindo e tecendo questões com um material e uma aula: como dar conta de fazer operações matemáticas com cubos, barras e frações?; quanto um material vai dando conta de um conceito e de uma aula? Juntas tecendo questões que vão afetando uma formação e um professor, questões que talvez nem vão se dando conta: como um sentido produzido junto a um conceito, a um material e a uma aula produzem problemas?

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{3}$$

Uma representação de quantidades tecendo problemas junto à Vera e à Lice. E problemas com razão. De ensaios, uma investigação vai vazando no que se propunha ser a elaboração de uma aula: que conceito “quantos cabem?” produz com barras marcadas em dez partes e cubos que se comparam a um décimo delas? Seriam cubos cabendo em barras ou barras cabendo em cubos? A fração $\frac{2}{10}$ pergunta quanto uma barra cabe em dois cubos? – cabe $\frac{1}{5}$, Vera. Ou quanto dois cubos cabem em uma barra? – cabem cinco, Lice. Um conceito solicitando cuidado com seu funcionamento tomando duas professoras, suas atenções e disposições. Prende, passa e laça, passa e laça, passa e laça.

Um material sendo experimentado a partir de afectos^{lxxxii} que vão compondo-o como um para Vera e outro para Lice e uma Vera e outra Lice. Se com uma barra e poucos cubos não se dá a representar um terço, outro modo em invenção: tomar trinta cubos e, nesse movimento, vinte outros – para a fração um meio. Com esses múltiplos torna-se possível tomar tais partes e com elas operar. Com esses múltiplos torna-se possível tomar tais partes e com elas operar? Operar com distintos inteiros entrelaça mais o novelo fracionário ensaístico a enrolar-se e desenrolar-se nas mãos, pés e tornozelos das comadres de profissão. Que implica tal enfiar da ponta do fio de lã no meio embaraçado pelas pequenas e pelos pequenos na escola, professoras? Ensaçando em divergências, uma aula toma um de tantos e muitos contornos.

Uma, duas, três, passa por dentro, busca atrás, puxa, passa, duplica, ponto. Por vezes, escapa. Segura ou expande? Que efeitos um investimento de um modo com um conceito de fração junto a um material produz nas operações com elas? Barras e cubos dão conta de produzir operações com frações? Com um fio, se faz pontos baixos e pontos altos. Até pontos de arroz. Uma hora acaba o fio. Esse é seu limite: a outra ponta do novelo. Qual o limite do tal material para frações? Acaba numa investigação desse conceito como razão? Ou vaza esse limite às operações? Um fio acaba. Lice emenda outro. Passa, puxa, laça.

pensar o pensar

Na escola, professoras e professores estavam quase sempre em duplas, trios ou grupos maiores. Sempre a conversar. E sempre tinham muito a falar. Contando da vida, de política, de novidades científicas ou tecnológicas, de alunas e alunos, de didática, de livros, de Matemática e Geografia, de corredores de escolas, de... E sempre intrigava os modos de viver que iam costurados às coisas que falavam. E como falavam dessas coisas.

Atenção ia sendo sugada e vagando entre afirmações e suspensões e afirmações e suspensões e negações e... Compondo com esse afirmar-suspender-negar-suspender... movimentação de quaresmar. Com vozes, jeitos com os corpos e palavras. Pequenos momentos de conversação. Muito curtos. Muito de vidas transbordando nesses. Muito de modos de fazer – fazendo-se outros.

Algumas vezes, ia pensando se outras e outros profissionais conversam tanto. Isso já que professoras e professores lá da escola parece que a tudo querem abrir discussão. E inventam problema com quase tudo, quaresmando problema e invenção. E com algumas partes que não chegam aos ouvidos que estão inventando, ocupo de inventar.

Dessa vez, passando bem perto da conversação, queria ouvir que tanto falavam. Queria ouvir. E, querendo, ouvi uma professora. E foi se fazendo um eco desses que vão insistindo em ficar, convidando a quaresmar.

Porque com essas meninas pequenas e esses meninos pequenos das séries iniciais, ainda dá para fazê-las e fazê-los pensar. Agora, com as meninas mais velhas e os meninos mais velhos, umas e uns adolescentes de quinze ou dezesseis anos, não dá mais para colocá-las e colocá-los para pensar, não.

Um ponto final muito longo. Uma conversação que costuma ir sendo breve. Como se coloca para pensar? Como se tira do pensamento? Disseram outro dia na escola que árvore é um vegetal, que tem tronco de lenha e folhas em galhos acima do solo. E só. Não disseram que árvore vai sendo armário de manga em dezembro e reserva de goiaba em março. E ar condicionado da natureza, quando refresca a sensação de calor e presenteia com sombra. E observatório para baixinhas e baixinhos. E... Tem mais, a árvore que disseram só é o que disseram isolada. Árvore sem interação com solo, com vento, com chuva. Só assim ela é exatamente como disseram. Piada de uma árvore que não existe! De uma árvore que não se pode quaresmar.

Porque com essas meninas pequenas e esses meninos pequenos das séries iniciais, ainda dá para fazê-las e fazê-los pensar. Agora, com as meninas mais velhas e os meninos mais velhos, umas e uns adolescentes de quinze ou dezesseis anos, não dá mais para colocá-las e colocá-los para pensar, não.

Ponto final longo demais. Desconfiando disso. Não reconhecendo Quaresma se deu um movimento de quaresmar. Contramão da via única que anda ditando que aprender e imaginar se estreitam com a realidade e que esses fazeres vão se dando ao nos remetermos ao que já existe e descobriremos o tal. Encasquetamento disparado pela desconfiança. Como é a realidade de e com um quaresmar? Quaresma estava lá antes mesmo: o nome, alguns causos, algumas crenças e mais coisa que vinha se arrastando junto. Mas essa quaresma que suspendeu no ar, que foi fazendo flutuar em presença da gravidade, essa foi produção de quaresmar.

Porque com essas meninas pequenas e esses meninos pequenos das séries iniciais, ainda dá para fazê-las e fazê-los pensar. Agora, com as meninas mais velhas e os meninos mais velhos, umas e uns adolescentes de quinze ou dezesseis anos, não dá mais para colocá-las e colocá-los para pensar, não.

Estou já com a imaginação meio fraca, – disse uma vez, na sala de aula, Vera levando a palma das mãos à testa – tenho usado da imaginação de outros. Vera quaresmando imaginar que não tem dona ou dono. Insensatez de Vera? Incapacidade de Vera? Vera acionando um limite de pensar ou um quaresmar Vera? Desconfiando que um emaranhado vai compondo Vera, que de nome próprio não carrega mais o peso.

Porque com essas meninas pequenas e esses meninos pequenos das séries iniciais, ainda dá para fazê-las e fazê-los pensar. Agora, com as meninas mais velhas e os meninos mais velhos, umas e uns adolescentes de quinze ou dezesseis anos, não dá mais para colocá-las e colocá-los para pensar, não.

Assunto que dá pano pra manga é esse tal de pensamento – e seu aparentado, pensar –, tanto que aqui vai se produzindo mais um ensaio de escrita e problematização com ele(s). Quaresmando pensamento^{lxxxii} como ação, como pensar. E quaresmando pensamento como potência com viver, acionando ação que vai produzindo coisas que são muitas em si, tipo gente. E que têm ainda um traço inédito e inesperado, tipo gente também. Desconfiando que pensar passe por esses fluxos, de cursos e continuação.

Porque com essas meninas pequenas e esses meninos pequenos das séries iniciais, ainda dá para fazê-las e fazê-los pensar. Agora, com as meninas mais velhas e os meninos mais velhos, umas e uns adolescentes de quinze ou dezesseis anos, não dá

mais para colocá-las e colocá-los para pensar, não.

Desconfiando com um pensar que se dê no corpo, abalando através de constituições de movimentos de tornar-se, convites, conquistas – e se movimentando de outros modos – deslocando-se de algum lugar. E arriscando: um estranhamento com uma verdade já pronta, no arrombamento causado por essa estranheza, causado por aquilo que não está dado, com o qual uma verdade já apoderada não pode convergir, mas, sim, diverge. Um assombro, uma decifração e uma diferenciação. Pensamento como diferença intensificando viver. Arriscando de novo: quem? Corpo.

Porque com essas meninas pequenas e esses meninos pequenos das séries iniciais, ainda dá para fazê-las e fazê-los pensar. Agora, com as meninas mais velhas e os meninos mais velhos, umas e uns adolescentes de quinze ou dezesseis anos, não dá mais para colocá-las e colocá-los para pensar, não.

Quando a gente brinca de cabra-cega no quintal de casa, os braços vão esticados à frente e os dedos tamborilando no ar, no nada. Tem criança que assopra pertinho das pontas dos dedos com um jato forte. Os dedos assustam e encolhem, só por um segundo em que experimentam ar quente em suas pontas. Pensar disparado pelo corpo, sempre sucedendo a um pensamento. Como acontecimento com Vera, com vida. E, dessa vez, com as professoras e professores lá da escola, pensar corpo abalando modelos de educação, quaresmando conhecer como produto de afetações. Não reconhecendo Quaresma se deu um movimento de quaresmar.

do dia em que vombate quaresmou formação

E teve uma tarde que nem lembro porque, mas a conversa depois do almoço chegou até o cocô de vombate, que parece um pouco com uma cutia e vive na Austrália. Se fosse para quaresmar os restos do vombate, era uma coisa. Outra foi sendo: estranhar quadrado. Sei que quando falaram que as fezes desse animal são quadradas, a conversa que parecia ser bobagem foi virando coisa séria.

Íamos fazendo das formas geométricas um problemão. Iam me dizendo que claro que o cocô era um quadrado, igual à porta é um retângulo e que a gente vê em todo lugar^{lxxxiii}. Estranho dizer que porta a gente vê em todo lugar. Na praça no centro da cidade não tem porta, na mata atrás de casa também não tem e nem no rio. Vai lá que tem na escola, tem dentro de casa, tem até no mercado. Só que *todo lugar* é no mínimo exagero.

Sáimos a olhar na sala, no corredor, no pátio e na rua o que lembrava as formas geométricas. A lixeira do corredor lembrando um cilindro, a bolsa de uma moça que passava na calçada em frente da escola lembrando um *não sei o quê* que tem duas faces triangulares e três retangulares... Ia tendo o volume da coluna que segura o teto e o tampo da mesa também que, no desligamento das formas, sem muita certeza íamos achando que era um paralelepípedo. Igual ao que puseram na rua de terra.

A mãe sempre falava para não comer lasca de bife de fígado cru, que essa crueza da carne faz mal: cozimento com tempero ia matando bactérias e ainda deixava um sabor outro. Tem horas em que o cozimento cai bem, tem horas que cai bem a crueza. Naquela tarde, um pouco de nosso cozimento fazia enxergarmos quadrados e retângulos em coisas e objetos do cotidiano. Seria possível? Não os víamos em desenhos. Coisas e objetos têm tridimensionalidade.

Esse cozimento também nos ia presenteando de nomes de cilindro e paralelepípedo, que na crueza não era certo que teríamos nos apoderado. Nem necessidade teria. Na lida da vida, falar que porta é retângulo comunica quase sempre.

A crueza boa que não íamos deleitando era a de criança com quem vai se dando estranheza ímpar ao ouvir que tampo de mesa, janela e caixa de fósforos são figuras de quatro lados e quatro ângulos internos iguais desenhadas em folha de caderno – o tal do retângulo. Estranheza que se dá com o desconcerto entre o tocar, pôr coisas em cima ou embaixo ou dentro e ver os desenhos. Estranheza de olhar a olhar mesmo: televisão e retângulo, por exemplo. É que porta, janela, caixa e TV têm mais posições, vistas e

partes que retângulo. Ou que quadrado e triângulo e círculo e... Cruza que não generaliza assim tão fácil a violência que força uma forma a estar em identidade com outra. Cruza que criança recém-chegada à escola muitas vezes tem.

Aí, voltamos lá no começo da conversa: cocô de vombate tomando formato de cubo e porta tomando formato de paralelepípedo. Cuidados com a linguagem que na rua nem carecem de existência e que na escola, na voz de nós professoras e professores faz-se habitar com zelo, propõe invenção de sentidos: para o cubo e o quadrado, para a esfera e círculo, para umas e outras formas. Em aproximação delicada e profunda, exercício intenso e arrombo avassalador com uma cruza de criança, esse zelo foi se tornando problema naquela tarde. E como problema, encharcando uma atenção em invenção com algumas e outras formas. Invadindo as bocas e perfurando as línguas para, com elas, fazer ninho. Quem diria que um bicho que ninguém por aqui conhece bem ia ser enredado com a gente, fazendo com matemática produção, com a gente produção, da gente produção. Disparando uma formação como produção. Quem diria que cutia australiana podia quaresmar formação?

quaresmando aula

Vera? Lice? Presentes! E qual é o objetivo? É usar determinado material didático em uma aula? Essa aula deve propor determinado assunto?

O objetivo é elaborar um plano de aula, Lice, e nós problematizamos tantos conceitos e funcionamentos que acabou o café, as rosquinhas e a lã e não chegamos à produção alguma. Nada de plano de aula a se apresentar. Que diremos à secretária municipal? Não se produziu nada. Nada. Nada. Nada...

Lançando-se a uma pesquisa, um material e um conteúdo de Matemática, como propor uma atividade para uma aula? Tomando-se do tempo-aula-cronológico e de um conteúdo escolhido, Lice. Ou fazendo um exercício, junto a um material, de problematizar efeitos em desdobramentos de um conceito, levando esse material a seu limite em um tempo-aula-contínuo, Vera. Um risco aqui e lá: esgotamento. Que compõe uma aula para você? Que compõem uma aula com você?

Nada, nada, nada, nada de produto. Em algum tempo-aula solicita-se produzir alguma coisa. Compor um produto como parte do processo. Processo que existe por meio de modos de como se está em processo. Nada de plano de aula de Vera e Lice a se apresentar. E teceram problemas que costuraram conceitos e funcionamentos, esgarçando Formação ao limite de rasgar-se. E que se faz com a reunião antecipadamente datada e confirmada com a secretária municipal? Que se faz com uma solicitação de produto enquanto materialidade?

Que fazer com indagações de tempo-ensaio-aula-cronológico, de papel onde se estabelece uma nota que seja avaliativa?

Objetivo...

Movimento...

Musical...

Cada (um)...

(lhe) Convém...

Todas/os...

Esperar...

Adormecida/o...

Misteriosamente...

(não há) Lei...

(seu) Interesse...

Emoção...

Inteligência...

Nada...

Captar...

Variado...

Deslocamento...

Textura...^{lxxxiv}

de quando uma louça se torna imundície

Ando lavando louça suja há uns tempos. Desde pequena, tomando de sua gordura e pedaços secos desagarrados com unhas. E algumas dessas louças sujas, por assim dizer, vêm produzindo marcas. Não podia ser de outro modo: unhas lascam, pele queima em contato com o calor de alumínio vindo do fogo.

Uma dessas louças vem sendo a de Quaresma. Lá em casa, era dia de evento. Eram os sabores apreciados com Quaresma que produziam a louça que ia sendo lavada. Junto dos sabores, à mesa e à pia, iam sons, cores, cheiros, toques. Antes, apenas talheres e pratos. Mais tarde, também as panelas de onde se inventavam aromas e os copos configurados em paladares doces e amargos. Tornei-me menina e mulher lavando louça suja. Tornei-me tantas e tantos lavando as sujeiras. Tantas e tantos que não faz sentido dizer com substantivos. Vou tornando-me lavando essas e outras louças.

A limpeza da louça suja de Quaresma ia produzindo outras manchas, outros riscos no metal e no vidro. Aquelas que iam sendo lavadas também iam se configurando em perturbações e aprendizagens, em apoderamentos e empoderamentos. E eu ia lavando-as com os ouvidos. E ao lavar, produzia-se corpo.

Marquinhas que insistiam ao sabão e à esponja, tornando-se marcas que faziam, com esses materiais, diferença. Vêm fazendo hoje também lá em casa. As manchas e marcas insistentes põem a lavar enquanto somam-se à louça. E somando às lavadas, a Quaresma torna-se muitas, múltiplas: quaresmas... Quaresmar. Com as mãos também marcadas do exercício de lavar, coloco Quaresma de molho, pois é preciso perder tempo com a sujeira: se tornam as quaresmas... quaresmando. E continuam tornando-se. E vou con-vivendo com suas sujeiras. Com. Vivendo.

Durante o lavar com o viver, as mãos molhadas com água e detergente pegam um cubo de Origami^{lxxxv} – imundo que não acontece oposto ao mundo, imundo de mundo e contaminado por técnicas inventadas com o brincar. E junto com espuma e colher, as pontas dos dedos umedecem as folhas coloridas que o compõem. Umedecidas ao limite, folhas de papel amolecendo, deformando-se. Os punhos empurrando as mãos para debaixo da torneira, de onde jorra água. Produzindo outras deformações e tonalidades. Dali, cubos seguem ao molho, ao escorredor e, secos com pano, serão de novo expostos à sujeira da vida, expostos às sujeiras com o viver. As folhas se desfazendo um pouco com o exercício das mãos e se multiplicando em origamis. Muitos e múltiplos. E minúsculos. Com m minúsculo mesmo, parecendo possibilitar

variações que deixam respirar. Com m minúsculo, tornando possível, inclusive, matemática e menina acontecendo como quaresmar.

Depois de cubos, outras formas vão se tornando outras e muitas também. Essa noite, além do Cubo feito cubos, ando lavando o Paralelepípedo, o Numeral, a Escrita, a Forma, a Pesquisa. Estranho lavar: água e sabão produzindo paralelepípedos, numerais, escritas, formas. e pesquisar. múltiplos. minúsculos.

Chega a vez das cartas compostas com saudosas escritas à mão. Ao toque, respingos já mancham a tinta da caneta. Cartas com a vida. Contam-me de paixões à espreita, à espera. Sujas de vida e passividade^{lxxxvi}. Paixões com a vida e com a espera do que vai se tornando acontecimento com ela. Sujas de existências. Lavar as cartas vai fortalecendo essa espreita com, produzindo existências. As gotas suaves que compõem as pontas dos dedos e as cartas rasgam as fibras dos papéis, das construções nominais, das orações. Mãos vão logo com as cartas à pia, onde quaresmar vai pondo-as ao molho. Mãos e cartas de molho misturam-se e mancham-se e através das estruturas do escorredor, umas compõem outras. Todas vão se tornando experiências vivas, todas vão se tornando invenções contaminadas com o viver, de viver.

Por vezes, a atenção vai flutuando durante o lavar a louça suja e os dedos folheiam as páginas de diários. Trazem-me com as frases registradas sufocos e respiros, debater-se e produzir. Contam-me de um mestre sabedor^{lxxxvii} sendo abalado, dando lugar a outros modos de existir como professoras e professores. De fardos^{lxxxviii} carregados se transfigurando em respiradouros. Empoderamentos com a produção de minúsculos e múltiplos, como invenção de problemas, com modos e educações. Contam-me através de verbos de fazer alguma coisa. As mãos vão colhendo uns do escorredor e lendo-os. Um conta de uma menina que queria jogar como se nunca tivesse jogado. Aí foi diferente. Uma formiga dessas que picam e dão cocêira me encontrou vinda por detrás da página do livreto. E coçou e coçou e...

Os diários vão para o molho quaresmar e tornarem-se minúsculos. O dia começa a clarear. A água jorrando joga com um movimento com as mãos. Lavar louças sujas, tantas. E as mãos escorrendo em misturas de sabão vão jogando outros jogos, produzindo outros movimentos. De esfregões à espera. De alvejantes, às flutuações.

A louça suja da pia em molho. Por agora, fecha-se a torneira, larga-se a bucha. As mãos ignoram a secagem em pano branquíssimo. Em suspensão. Mergulham na bacia da pia, brutas. E, manchadas das misturas que ali se configuram entre toda crosta de poluição e água antes corrente agora represada, inventam outro fazer com louça suja:

neste fim de noite, que já vem se fazendo como um tempo marginal chamado de madrugada e que vem sendo arrombado pela luz e pelo calor, fazer ouvir mundo e vida com mãos.

problema de não ir reconhecendo

Mundo sem Matemática? – não se vai reconhecendo.

Sistema numérico de ☺, 8 e ♦? – não se vai reconhecendo.

Restos de agrupamentos de dois em dois? – não se vai reconhecendo.

Multiplicar com riscos? – não se vai reconhecendo.

Quadro de numerais bem mais que naturais? – não se vai reconhecendo.

Esfregar dedos para transformar ordens? – não se vai reconhecendo.

Semear em jogo? – não se vai reconhecendo.

Numerais formados só com 4 operando todos os outros numerais? – não se vai reconhecendo.

Numerais com mão e cajado? – não se vai reconhecendo.

Porta que não é retângulo? – não se vai reconhecendo.

Ampliar com proporcionalidade? – não se vai reconhecendo.

Oficinar? – não se vai reconhecendo.

Essas propostas nas escolas? – não se vai reconhecendo.

Problema de criança de não ir reconhecendo. Problema de officinar com sentidos e insistindo em fazê-lo e em problematizar, alimentar problema de mais problemas. Coisa viva, quaresma produzindo verbo quaresmar. Ecoando no viver. Problema de criança que adultas e adultos, professoras e professores vão acionando ao quaresmar criancice. E que vai sendo acionado com Formação.

Mundo sem Matemática? – quaresmar.

Sistema numérico de ☺, 8 e ♦? – quaresmar.

Restos de agrupamentos de dois em dois? – quaresmar.

Multiplicar com riscos? – quaresmar.

Quadro de numerais bem mais que naturais? – quaresmar.

Esfregar dedos para transformar ordens? – quaresmar.

Semear em jogo? – quaresmar.

Numerais formados só com 4 operando todos os outros numerais? – quaresmar.

Numerais com mão e cajado? – quaresmar.

Porta que não é retângulo? – quaresmar.

Ampliar com proporcionalidade? – quaresmar.

Oficinar? – quaresmar.

Essas propostas nas escolas? – quaresmar.

Problema de criança que quaresmando vai fazendo do verbo, *seu*. Criança empoderando-se ao produzir verbo sem reconhecimento.

Aprendizagem? – quaresmar

Utilidade? – quaresmar

Escola? – quaresmar

Estranhar conhecidos, insistindo com eles, inventando sentidos provisórios. Remexendo, torcendo, revirando, esgarçando. Matar para que vivam e ir vivendo.

Matemática? – quaresmar.

Formação? – quaresmar.

como um conceito vai existindo

Confeccionar uma caixinha de cartolina, um sólido geométrico, um paralelepípedo^{lxxxix}. Caixinha de chá de papelão como modelo. Acostumar o corpo a um modelo. E quaresmar tal costume, solicitando uma repetição que não seja do mesmo. Produzir um paralelepípedo reto retângulo que seja uma ampliação de uma caixinha de chá de mesmo formato. Ampliação: repetir a caixinha de papelão em cartolina, mas não a mesma; em cartolina, deve estar ampliada. Como foto em programa de computador.

Posicionando régua, riscando a lápis, rascunhando graças à borracha. Desmontando a caixinha de chá, lá está a planificação. Quantos modos existem de desmontar uma caixinha sem rasgá-la? Pela tampa, pela lateral, pelo fundo. E que lateral? Direita ou esquerda? *Sua* direita que vai sendo *minha* também; *sua* esquerda que vai sendo direita *dela*. Pela frente, por trás. *Sua* frente que vai sendo *meu* atrás. Desmontando a caixinha de chá ao encontro de **uma** das diversas planificações.

Está lá, diante de um si, de mãos, régua e olhos, uma planificação. Modelo que não produzirá o mesmo. Desejo de ampliação latente. Tomando-se a caixa planificada, centralizando-a na folha ou mais próxima aos cantos, em exercício de economia de papel. Régua pode ser dedo – ou o contrário disso. Ou, marcados na graduação, cinco centímetros acima, cinco centímetros ao lado. Aqui e ali. Aqui e ali. Aqui e ali. Aqui e ali. Outras duas faces acompanhando os aumentos para cima. Pronto, basta. Tesoura em serviço cuidadoso e uns pingos de cola para o arremate. Pronto? E fecha a caixa? Ou o que podiam ser as laterais acabou ficando menor que a frente e atrás? Não monta, não fecha. Como foto em programa de computador, se puxar de lado ou de baixo, deforma o rosto da gente. Ampliar parece com aumentar tudo junto, todas as dimensões.

Algumas das linhas, segmentos de retas, que coladas às outras formariam quatro das arestas não foram ampliadas em cinco centímetros como as outras foram... Ah, fazer de novo – não o mesmo. Planificação ao centro. Cinco, cinco e cinco centímetros! Corte e colagem. Eis a ampliação! Há muitas caixinhas idênticas de chá por aqui. Colocando umas dentro do paralelepípedo confeccionado, vão sendo acomodadas uma, duas, três, quatro,... Até oito. E sobra espaço: um centímetro na altura e dois centímetros na largura. No comprimento, dando à conta. Ampliação? Como? Aumentando-se cada aresta da caixinha de chá em cinco centímetros, produziu-se um espaço. Uma deformação. E nesse espaço não cabe mais uma caixinha, nem meia, nem...

Ampliar, reconhecido como aumentar, problematizando um conceito de

geometria. Ampliar, desconhecendo um certo aumento de cinco centímetros, problematizando semelhança. Como foto em programa de computador, se puxar de lado ou de baixo, deforma o rosto da gente. Ampliar parece com aumentar tudo junto, todas as dimensões, de modo proporcional. Nem ampliada a caixinha de chá foi! Que há com essa ampliação de uma matemática que conserva proporcionalidades? *Como uma ampliação funciona em matemática?* Pondo a investigar um modo de confecção de caixinhas e relações entre sólidos geométricos. Pondo a inventar um conceito, um fazer com ele, seu funcionamento, no fazer com.

Montando caixinha de chá desmontada, régua para medir arestas. De comprimento, cinco centímetros; de altura são quatro e de largura três. Régua para medir arestas de paralelepípedo de cartolina. De comprimento, dez centímetros; de altura são nove e de largura, oito. Produzindo relações entre as medidas de uma e outro, já que relações só existem quando inventadas. Experimentando aumentar medidas, proporcionalidade vai tomando corpo e invadindo formas geométricas. Inventando regularidade, outro paralelepípedo vai sendo traçado, cortado e colado. De comprimento, dez centímetros; de altura são oito e de largura, seis. Acomodando caixas, uma beleza: oito caixas inteiras e nem um espaço considerável a restar.

Fazer com mãos e materiais táteis pondo pensar em ação e atenção. Repetição que não é do mesmo. De uma solicitação, experimentações e investigações rompendo em produção, aproximação e intimidade com um conceito. Conceito já antes produzido? Que bobagem: conceitos só existem quando e enquanto vão sendo inventados, confeccionados^{xc}. Como quaresmar.

nomes em pesquisa em quaresmar

Quaresmando pesquisa e formação, alguns nomes e sentidos que carregam chumbados ao lombo vão sendo postos em estado de estranheza e investigação de que potências vão acionando. E por não se darem encontros com outros que fluam junto aos incômodos e às composições do quaresmar, alguns sentidos vão sendo inventados. Quaresmar ininterrupto: estado de esforço contínuo de suspender e mergulhar nesse fazer – afogando estagnações.

E seguem:

Pesquisar, formar, educar, aprender, existir tornando-se vívido-singularidades-problema-quaresmando. Este arranjo de palavras se aproxima de um dos modos como pesquisa vem sendo problematizada e produzida.

Vívido: produz sis enquanto vai sendo produzida a pesquisa, através de presença e atenção.

Singularidades: é com elas que o vívido se afirma; ínfimos locais e temporais de um corpo.

Problema: como disparador e alimentador do pesquisar, como as mãos que empurram estagnações à submersão forçada e violenta.

Quaresmando: como o vívido-singularidades-problema se torna pesquisa.

quaresmar contínuo de fim como meio de pesquisar

2 é par. É primo. É natural, inteiro positivo, racional, real, complexo.

4 é par. É composto. Pertence a todos esses outros conjuntos que 2 pertence. E ainda é quadrado perfeito.

2 e 5 são primos entre si. 4 e 5 também são.

12 é excessivo. 6 é perfeito. 10 é defectivo.

E 102? Múltiplo de 3 formado por três algarismos que somados resultam três.

E o que 2 é do 1?...

...

...

É o oposto! Oposto? oposto? OpOsTo? oPoStO?

Oposto é 1 de -1, 3 de -3, -15 de 15.

Ah, é? E se o 1,5 for zero^{xci}?

Mãos delicadamente separam três mechas de fios secos desembaraçados do alto da cabeça. Três mechas. Pondo-se a trançar. Direita para o meio, meio para a direita. Esquerda para o meio, direita feita meio para a esquerda. Meio feito direita de volta ao meio e esquerda feita meio à direita. Direita feita meio feito esquerda para o meio e meio de volta ao meio, antes feito direita, para a esquerda.

Ah! Susto: rascunhos espalhando pela cadeira, pelo chão. Números espalhados, bagunçados, esparramando. Mãos com desejo de proteção e captura.

Mãos soltas.

Mãos soltam.

Mechas soltas.

Mechas soltam.

Traça.

Vento que bate em folhas e levantando saia de vestido fino empurra números levando consigo mãos socorristas ao desapego e perda de mechas caprichadas compondo trançado do alto.

Vento desmanchando trança, desmanchando mechas, carregando fios.

Vento traçando outra trança. Quaresmar trança. Embolando fios.

Fios embolados e soltos, lançados com vento à frente dos olhos.

Nós no alto da cabeça, no meio do bolo, nas pontas à altura de invadirem nariz e boca.

Vento travesso nos fios, desfazendo mechas, trançando emaranhamentos.

Mãos, ao socorro de vias de ar, esquecidas de números, emaranhados à terra.

Mãos que não desmancham emaranhados de fios. Mãos comendo com vento, comendo com números espalhados e perdidos.

Mãos emaranhando com pulmões e narizes e bocas, comendo respirar com trança quaresmada de composição de ventos e fios...

de onde é que vem?

E que esses oficinares das professoras e dos professores lá da escola iam se dando em um curso de extensão, junto de outras professoras e professores de uma universidade mineira e de outras escolas, já contei para vocês.

O que ainda não vinha contando é que tal curso fazia parte de um projeto de outra composição: duas agências de fomento de pesquisas acadêmicas – Capes e Fapemig – através de um acordo identificado como a gente quando faz matrícula em algum lugar, cheio de numerais que perfilados vão dizendo quem é a gente (Acordo Capes/Fapemig processo APQ-03416-12).

Aí era aquilo: quase toda quarta-feira de 2014, as professoras e os professores iam se encontrando desde as dezenove horas – que professora Lice já ia dizendo de sete e quinze daquela outra vez que eu contei para vocês. E iam quaresmando encontros como encontrar.

Pode parecer muito quando eu contar, mas não é que foram vinte e quatro semanas de oficinas e quaresmar? Inspirações com outras experimentações disparando fazer inventivo.

E daí vem essa contação toda que foi se fazendo para vocês. Quem sabe, com vocês...

notas de fim? quaresmar...

-
- ⁱ Uma Conversa, O que é, Para Que Serve? em Diálogos – Gilles Deleuze e Claire Parnet.
- ⁱⁱ Definições pesquisadas no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.
- ⁱⁱⁱ Mãe e filha bailarina experienciando uma apresentação como acontecimento que não encontra língua para dar conta dele.
- ^{iv} O abecedário de Gilles Deleuze – entrevista de Gilles Deleuze.
- ^v Aprendizagem, arte e invenção – Virgínia Kastrup.
- ^{vi} A Gênese Afetiva da Emoção e da Cognição na Consciência – Jerusa M. Rocha.
- ^{vii} Formação em vias do tornar-se – Margareth Aparecida Sacramento Rotondo e Leandro Barreto.
- ^{viii} A cognição autopoietica em A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição – Virgínia Kastrup.
- ^{ix} A distinção das forças; A afirmação e a negação; O sentido da afirmação em Nietzsche e a filosofia – Gilles Deleuze.
- ^x O corpo e A distinção das forças em Nietzsche e a filosofia – Gilles Deleuze.
- ^{xi} Segunda Série de Paradoxos: Dos Efeitos de Superfície; Vigésima Primeira Série: Do Acontecimento em Lógica dos sentidos – Gilles Deleuze.
- ^{xii} Produção de subjetividade e individualidade em Micropolítica: cartografias do desejo – Félix Guattari e Suely Rolnik.
- ^{xiii} Concepções de matemática e suas incidências na educação matemática – Maria Queiroga A. Anastácio e Sônia M. Clareto.
- ^{xiv} Tornar-se o que se é: educação como formação, educação como transformação – Silvia P. V. Rocha.
- ^{xv} Notas sobre a experiência e o saber de experiência – Jorge Larrosa.
- ^{xvi} O abecedário de Gilles Deleuze – entrevista de Gilles Deleuze.
- ^{xvii} Do sentido como produção de sentido em Deleuze – Alessandro Carvalho Sales.
- ^{xviii} Da Superioridade da Literatura Anglo Saxônica em Diálogos – Gilles Deleuze e Claire Parnet.
- ^{xix} As oficinas contadas compuseram em 2014 o curso de extensão “Oficinas de produção matemática: o fazer docente junto a abordagens didático-metodológicas” oferecido pela UFJF e são parte de um projeto Acordo Capes/Fapemig processo APQ-03416-12.
- ^{xx} Composição com Oficina disparada por uma questão – Como seria um mundo sem matemática? – inspirada no artigo Como seria um mundo sem matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade – Sônia M. Clareto e Margareth A. Sacramento Rotondo; e também narrada nos artigos Inquietações de uma formação docente em oficinas de produção matemática – Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão e Rogéria Christina Soares – e Experiência de formação docente em oficinas de produção matemática - Débora Rodrigues Caputo, Taiane Loures Gomes e Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão.
- ^{xxi} A cognição autopoietica em A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição – Virgínia Kastrup.
- ^{xxii} Das três metamorfoses do espírito em Assim falou Zarathustra – Friedrich Nietzsche.
- ^{xxiii} Uma insólita viagem à subjetividade: fronteiras com a ética e a subjetividade – Suely Rolnik.
- ^{xxiv} Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico – Suely Rolnik.
- ^{xxv} Quarta parte: A escola que não tive... o professor que não fui... no livro homônimo – Tiago Adão Lara.
- ^{xxvi} A cognição autopoietica em A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição – Virgínia Kastrup.
- ^{xxvii} Trecho inspirado no texto O menino – Helen E. Buckley.
- ^{xxviii} A cognição autopoietica em A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição – Virgínia Kastrup.
- ^{xxix} A cognição autopoietica em A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição – Virgínia Kastrup.
- ^{xxx} Os tipos de signos em Proust e os signos – Gilles Deleuze.
- ^{xxxi} V de Viagem em O abecedário de Gilles Deleuze – entrevista de Gilles Deleuze.
- ^{xxxii} Da Superioridade da Literatura Anglo Saxônica em Diálogos – Gilles Deleuze e Claire Parnet.
- ^{xxxiii} Amadurecimento – O teatro mágico.
- ^{xxxiv} Tornar-se o que se é: educação como formação, educação como transformação – Silvia P. V. Rocha.
- ^{xxxv} O corpo em Nietzsche e a filosofia – Gilles Deleuze.
- ^{xxxvi} Composição com uma atividade proposta no paradidático Vivendo a Matemática – A numeração indo-arábica, de Luiz Márcio Imenes e narrada no artigo Experiência de formação docente em oficinas de produção matemática - Débora Rodrigues Caputo, Taiane Loures Gomes e Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão.
- ^{xxxvii} Investigar em matemática em Investigações matemáticas em sala de aula – João Pedro da Ponte,

Joana Brocardo e Hélia Oliveira.

^{xxxviii} A imagem do pensamento em Diferença e repetição – Gilles Deleuze.

^{xxxix} Curso disponível em:

<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. – Gilles Deleuze

^{xl} P de Professor em O abecedário de Gilles Deleuze – entrevista de Gilles Deleuze.

^{xli} Uma didática da invenção em O livro das ignoranças – Manoel de Barros.

^{xlii} Composição com Gaguejou... em Crítica e clínica – Gilles Deleuze.

^{xliii} Composição disparada por uma Oficina inspirada no vídeo <http://www.braian.com.br/tecnica-matematica-resolver-multiplicacoes-sem-fazer-calculos/>.

^{xliv} O que é um dispositivo? – Gilles Deleuze.

^{xlv} Z de Ziguezague em O abecedário de Gilles Deleuze – entrevista de Gilles Deleuze.

^{xlvi} Composição com Oficina inspirada em uma adaptação do jogo Fan-Tan em que os numerais disponíveis são os restos da divisão por um número dado.

^{xlvii} A imagem do pensamento em Proust e os signos – Gilles Deleuze.

^{xlviii} Um amigo, uma sala de estudos, um quadro branco, uma frase: composições.

^{xliv} Composição com uma Oficina disparada por investigações com material dourado, narrada nos artigos Inquietações de uma formação docente em oficinas de produção matemática – Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão e Rogéria Christina Soares – e Experiência de formação docente em oficinas de produção matemática - Débora Rodrigues Caputo, Taiane Loures Gomes e Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão.

^l A dobra deleuziana: políticas de subjetivação – Rosana N. Silva.

^{li} A cognição autopoietica em A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição – Virgínia Kastrup.

^{lii} Transcrições das aulas de Gilles Deleuze sobre Spinoza – Ideia e afeto.

^{liii} A diferença em si mesma em Diferença e repetição – Gilles Deleuze.

^{liv} Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. – Suely Rolnik.

^{lv} As estratégias ou o não-estratificado: o pensamento do lado de fora (poder) em Foucault – Gilles Deleuze.

^{lvi} Os intercessores em Conversações – Gilles Deleuze.

^{lvii} Aula de 6 de janeiro de 1982 – Primeira hora em A hermenêutica do sujeito – Michel Foucault.

^{lviii} Composição com uma Oficina inspirada em uma atividade apresentada em A aula de investigação do livro Investigações matemáticas em sala de aula – João Pedro da Ponte, Joana Brocardo e Hélia Oliveira.

^{lix} A ordem explicadora em O mestre ignorante – Jacques Rancière.

^{lx} Composição com Oficina inspirada no Problema dos Quatro Quatros apresentado em O homem que calculava – Malba Taham.

^{lxi} Agenciamento – Luiz Fuganti.

^{lxii} Como criar para si um corpo sem órgãos em Mil Platôs III e As máquinas desejanter em O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia – Gilles Deleuze e Félix Guattari.

^{lxiii} A dobra deleuziana: políticas de subjetivação – Rosane Neves da Silva.

^{lxiv} O mistério de Ariadne em Crítica e clínica – Gilles Deleuze.

^{lxv} Entrada em Poesia completa – Manoel de Barros.

^{lxvi} Discurso do método – René Descartes.

^{lxvii} Só se poderia estudar cientificamente a língua sob as condições de uma língua maior ou padrão em Mil Platôs II – Gilles Deleuze e Félix Guattari.

^{lxviii} Das três metamorfoses do espírito em Assim falou Zaratustra – Friedrich Nietzsche.

^{lxix} Outro amigo, um texto, um e-mail, uma conversa: composições.

^{lxx} Composição com Oficinas e aulas inspiradas pelo jogo africano Kalah, disponível em: <http://www.jogos.antigos.nom.br/mancala.asp>.

^{lxxi} Amor, territórios de desejo e uma nova suavidade... em Micropolítica: cartografias do desejo – Félix Guattari e Suely Rolnik.

^{lxxii} O sentido da afirmação em Nietzsche e a filosofia – Gilles Deleuze.

^{lxxiii} Composição com uma Oficina disparada por uma pesquisa de alguns sistemas de numeração de outros povos em livros didáticos e narrada nos artigos Inquietações de uma formação docente em oficinas de produção matemática – Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão e Rogéria Christina Soares – e Experiência de formação docente em oficinas de produção matemática - Débora Rodrigues Caputo, Taiane Loures Gomes e Leiliane Aparecida Gonçalves Paixão.

^{lxxiv} Uma conversa, o que é, para que serve? em Diálogos – Gilles Deleuze e Claire Parnet.

^{lxxv} Uma didática da invenção em O livro das ignoranças – Manoel de Barros.

-
- ^{lxxvi} Composição com Gaguejou... em Crítica e clínica – Gilles Deleuze.
- ^{lxxvii} Tratado geral das grandezas do ínfimo – Manoel de Barros.
- ^{lxxviii} Composição com uma aula de matemática em que se propunha uma atividade de sistemas lineares em uma turma de 3º ano do ensino médio de uma escola estadual de Juiz de Fora.
- ^{lxxix} Composição com uma Oficina disparada por elaborações de planos de aula associadas à análise de livros didáticos e à utilização de um material didático.
- ^{lxxx} Os tipos de signos em Proust e os signos – Gilles Deleuze.
- ^{lxxxi} Transcrições das aulas de Gilles Deleuze sobre Spinoza – Ideia e afeto.
- ^{lxxxii} O pensamento e a vida e A nova imagem do pensamento em Nietzsche e a filosofia – Gilles Deleuze.
- ^{lxxxiii} Composição com uma Oficina inspirada em uma atividade proposta no livro O ensino de geometria na escola fundamental, de Maria da Conceição F.R. Fonseca, Maria da Penha Lopes, Maria das Graças Gomes Barbosa, Maria Laura Magalhães Gomes e Mônica Maria Machado S.S. Dayrell.
- ^{lxxxiv} Respiros em sobrevoos pousando em fragmentos: composição com O que é uma aula? – Gilles Deleuze.
- ^{lxxxv} Composição com uma Oficina disparada pela produção de sólidos geométricos em Origami.
- ^{lxxxvi} Experiência e alteridade em Educação – Jorge Larrosa.
- ^{lxxxvii} Mestre sabedor como referência ao mestre explicador de O mestre ignorante – Jacques Rancière.
- ^{lxxxviii} De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo) – Sylvio Gadelha Costa.
- ^{lxxxix} Composição com uma Oficina disparada pela proposta de produção de um sólido geométrico proporcional a um modelo dado e narrada no artigo O tornar-se docente em meio a uma oficina de matemática - Débora Rodrigues Caputo, Margareth Aparecida Sacramento Rotondo e Geovar Miguel Santos.
- ^{xc} Introdução: Rizoma em Mil platôs: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1 – Gilles Deleuze e Félix Guatarri.
- ^{xci} Composição com um problema disparado por uma fala de um aluno do 2º ano do ensino médio durante uma aula de matemática.

REFERÊNCIAS

ANASTACIO, Maria Queiroga Amoroso e CLARETO, Sônia Maria. Concepções de matemática e suas incidências na educação matemática. In: Boletim Pedagógico de Matemática, Juiz de Fora, CAED: 2000.

BARROS, Manoel. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

_____. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2004.

_____. **Tratado geral das grandezas do ínfimo**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.

BUCKLEY, Helen E. O menino. **Bolema**, Rio Claro, v.3, n.5, 1988.

CAPUTO, Débora Rodrigues; GOMES, Taiane Loures; PAIXÃO, Leiliane Aparecida Gonçalves. Experiência de formação docente em oficinas de produção matemática. In: IV Colóquio de Educação Matemática, 2014, Juiz de Fora, MG. Anais do evento. Disponível em: <http://www.ufjf.br/coloquioedumat>. Acesso em 18 de jan. de 2016.

CAPUTO, Débora Rodrigues; ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento ; SANTOS, Geovar Miguel. O tornar-se docente em meio a uma oficina de matemática. In: VII Encontro Mineiro de Educação Matemática, 2015, São João Del Rey, MG. Anais do evento disponível em: <http://www.ufjf.br/emem/files/2015/10/O-TORNAR-SE-DOCENTE-EM-MEIO-A-UMA-OFICINA-DE-MATEM%C3%81TICA.pdf> . Acesso em 18 de jan. de 2016.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CLARETO, Sônia Maria; ROTONDO, Margareth A. Sacramento. Como seria um mundo sem matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade. **Bolema** [online], vol. 28, n. 49, p. 974-989. 2014.

COSTA, Sylvio Gadelha. De fardos que podem acompanhar a atividade docente ou de como o mestre pode devir burro (ou camelo). **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 26, n. 13, p. 1257-1272, set./dez. 2005.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2ª edição: tradução de Peter Pál Pelbart. São

Paulo: Editora 34, 2011.

_____. **Diferença e Repetição**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Lógica dos sentidos**. 4ª ed., 2ª tiragem: tradução de Luiz R.S. Fortes. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.

_____. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.

_____. **Conversações**. Tradução de Peter Pal Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. O que é um dispositivo? In: Michel Foucault, filósofo. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Barcelona: Gedisa, 1990. p. 155-161.

_____. **Foucault**. Tradução de Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. **Proust e os signos**. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____. Curso realizado no período de 1978 até 1980. Disponível em: <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>. Acesso em 18/01/2016.

_____. Aulas de Gilles Deleuze sobre Spinoza: Ideia e afeto (Cours Vincennes, 24/01/1978). Tradução de . Disponível em: < <http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5> >. Acesso em 18 de jan. de 2016.

_____. **Nietzsche e a filosofia**. 1ª ed. bras.: tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

_____. **O que é uma aula?**. Entrevista concedida a Claire Parnet. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=R7PsbC5GJD8> >. Acesso em 18 de jan. de 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: Capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, v. 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, v.2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1995.

_____. **Mil platôs**: Capitalismo e Esquizofrenia, v.1. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FONSECA, Maria da Conceição F. R., et al. **O ensino de geometria na escola fundamental** – três questões para a formação do professor dos ciclos iniciais. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 1ª ed.: tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FUGANTI, Luiz. Agenciamento. In: AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara [orgs.]. **Abecedário**: Educação da diferença. Campinas: Papyrus, 2009. p. 19-23.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1996.

IMENES, Luiz Márcio. **Vivendo a Matemática** – A numeração indo-arábica. Rio de Janeiro: Scipione, 2002.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, jan./jun. 2001.

_____. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Campinas: Papyrus, 1999.

LARA, Tiago Adão. **A escola que não tive... O professor que não fui...** São Paulo: Cortez Editora, 2003.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.4-27, jul./dez. 2011.

_____. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, Jan./Fev./Mar./Abr. 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2003.

PAIXÃO, Leiliane Aparecida Gonçalves; SOARES, Rogéria Christina. Inquietações de uma formação docente em oficinas de produção matemática. **Revista Cadernos para o Professor**, Juiz de Fora, n. 27, dez/2014, p. 71-78.

PAULÉS, Xavier. **Le fantan, une étude préliminaire /Fantan: A preliminary study**. Disponível em: < http://www.reseau-asi.com/cgi-bin/prog/gateway.cgi?langue=fr&password=&email=&dir=myfile_colloqu&type=jhg54gfd98gfd4fgd4fgdg&id=421&telecharge_now=1&file=a37paules_xavier.pdf >. Acesso em: 18 de jan. de 2016.

PONTE, João Pedro; BROCARD, Joana; OLIVEIRA, Hélia. **Investigações Matemáticas na Sala de Aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PRIBERAM. Dicionário de Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/> . Acesso em: 16 de jan. de 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

ROCHA, Jerusa Machado. A Gênese Afetiva da Emoção e da Cognição na Consciência. **Informática na Educação**: teoria & prática, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 93-104, jul./dez. 2009.

ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. Tornar-se o que se é: educação como formação, educação como transformação. In: MARTINS, Angela Maria Souza ... [et al.]; [FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel A.; PINHEIRO, Paulo (orgs.)]. **Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação: assim falou Nietzsche V.** Rio de Janeiro: DP&A: Faperj: Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006. p 267-278.

ROLNIK, Suely. **Uma insólita viagem à subjetividade:** fronteiras com a ética e a cultura. Disponível em: <http://www.caosmose.net/suelyrolnik/pdf/sujeticabourdieu.pdf>
Acesso em: 18 de jan. de 2016.

_____. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.1, n.2, p.241-251, set./fev. 1993.

ROTONDO, Margareth Aparecida Sacramento; BARRETO, Leandro. Formação em vias do tornar-se. In: V SEMINÁRIO VOZES DA EDUCAÇÃO, 2013, São Gonçalo, SP. V Seminário Vozes da Educação: Formação docente, Experiências, Políticas e Memórias Polifônicas, 2013.

SALES, Alessandro Carvalho. Do sentido como produção de sentido em Deleuze. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**, Rio de Janeiro, v.8, n. 2, p.33-53, mai./jun./jul./ago. 2015.

SILVA, Rosane Neves da. A dobra deleuziana: políticas de subjetivação. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 55-75, jan./jul. 2004.

TAHAM, Malba. **O homem que calculava.** 55ª edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

TEATRO MÁGICO, O. Amadurecimento. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=rxfte_G-pFg>. Acesso em: 17 de jan. de 2016.